

Cadernos IHU em formação

Max Weber

A ética protestante e o “espírito” do capitalismo

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Reitor

Aloysio Bohnen, SJ

Vice-reitor

Marcelo Fernandes Aquino, SJ

Instituto Humanitas Unisinos – IHU

Diretor

Inácio Neutzling, SJ

Diretora Adjunta

Hiliana Reis

Gerente Administrativo

Jacinto Schneider

Cadernos IHU em formação

Ano 1 – Nº 3 – 2005

ISSN 1807-7862

Editor

Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho Editorial

Profa. Esp. Águeda Bichels – Unisinos

Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta - Unisinos

Prof. MS Dárnis Corbellini – Unisinos

Prof. MS Gilberto Antônio Faggion – Unisinos

Prof. MS Laurício Neumann – Unisinos

MS Rosa Maria Serra Bavaresco – Unisinos

Esp. Susana Rocca – Unisinos

Profa. MS Vera Regina Schmitz – Unisinos

Responsável Técnico

Laurício Neumann

Revisão

Mardilê Friedrich Fabre

Secretaria

Camila Padilha

Projeto gráfico e editoração eletrônica

Rafael Tarcísio Forneck

Impressão

Impressos Portão

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Instituto Humanitas Unisinos

Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.5908223 – Fax: 51.5908467

www.unisinos.br/ihu

Sumário

| | |
|--|----|
| Max Weber | |
| <i>Vida e obra</i> | 4 |
| Weber, a hermenêutica e as ciências humanas | |
| <i>Por Ivan Domingues</i> | 9 |
| Em defesa da pluralidade e da multicausalidade | |
| <i>Entrevista com Antônio Flávio Pierucci</i> | 17 |
| Rerler Weber no contexto atual, promovendo uma atualização metodológica e epistemológica | |
| <i>Entrevista com Almiro Petry</i> | 23 |
| Max Weber hoje | |
| <i>Entrevista com Richard Swedberg</i> | 28 |
| Meu clássico | |
| <i>Depoimento de José Ivo Follmann</i> | 32 |
| Novos conceitos em permanente gestação | |
| <i>Entrevista com Wolfgang Schluchter</i> | 33 |

Os **Cadernos IHU em formação** são uma publicação do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, que reúne, num caderno, entrevistas e artigos sobre o mesmo tema, já divulgados no Boletim ***IHU On-Line***. Deste modo, queremos facilitar a discussão na academia e fora dela, em torno de temas considerados de fronteira, relacionados com a ética, trabalho, teologia pública, filosofia, política, economia, literatura, movimentos sociais, etc. que caracterizam o Instituto Humanitas Unisinos – IHU.

Max Weber – vida e obra

IHU On-Line fez uma síntese sobre a vida e a obra de Max Weber. As informações foram retiradas dos sítios www.antroposmoderno.com/biografias/Weber.html, http://pt.wikipedia.org/wiki/Max_Weber, e www.culturabrasil.pro.br/weber.htm. Elas foram extraídas, basicamente, da introdução do livro de Max Weber *Textos selecionados*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. 2.ed. (Coleção Os pensadores). Seleção, consultoria e traduções de Maurício Tragtenberg. Essa introdução também foi escrita por Maurício Tragtenberg, grande estudioso e autodidata brasileiro, que pesquisou, estudou e escreveu sobre Weber durante sua vida, encerrada em 1998. Tragtenberg escreveu diversos artigos sobre Weber. Ele é autor de *Planificação: Desafio do século XX*. São Paulo: Senzala, 1967; *Burocracia e ideologia*. São Paulo: Ática, 1974; e *Administração, poder e ideologia*. São Paulo: Editora Moraes, 1980.

Maximillion Weber nasceu em Erfurt, em 21 de abril de 1864. Pelo pai, que foi deputado do Partido Nacional Liberal, Weber teve oportunidade de entrar bem cedo em contato com ilustres historiadores, filósofos e juristas da época. Estudou história, economia e direito nas universidades de Heidelberg e Berlim. Laureou-se em Göttingen, em 1889, com uma tese de história econômica sobre a História das sociedades comerciais na Idade Média. Em 1892, conseguiu a livre docência com *A história agrária romana em seu significado para o direito público e privado*. Em 1894, tornou-se professor de economia política na Universidade de Freiburg. Em 1896, passou a ensinar em Heidelberg.

Era o mais velho dos 7 filhos de Max Weber e sua mulher Helene. Ele foi, juntamente com Karl Marx, Vilfredo Pareto e Emile Durkheim um dos

modernos fundadores da sociologia. É conhecido sobretudo pelo seu trabalho sobre a sociologia da religião.

De 1897 a 1903, sua atividade científica e didática ficou bloqueada por causa de grave doença nervosa. Nesse meio tempo, em 1902, juntamente com Werner Sombart, tornara-se co-diretor da prestigiosa revista *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik*. Em 1904, realizou viagens aos Estados Unidos. Durante a Primeira Guerra Mundial, defendeu as “razões ideais” da “guerra alemã” e prestou serviço como diretor de hospital militar. Seguiu, com angustiada preocupação, a ruína moral e cultural da Alemanha, jogada pelo Imperador e por seus ministros no beco sem saída da pura política de poder. Depois da guerra, participou da redação da Constituição da República de Weimar. Morreu em 14 de junho de 1920, em Munique, para onde fora chamado, a fim de ensinar economia política.

A obra de Weber, complexa e profunda, constitui um monumento da compreensão dos fenômenos históricos e sociais e, ao mesmo tempo, da reflexão sobre o método das ciências histórico-sociais.

Historiador, sociólogo, economista e político, Weber trata dos problemas metodológicos com a consciência das dificuldades que emergem do trabalho efetivo do historiador e do sociólogo, mas sobretudo com a competência do historiador, do sociólogo e do economista. Crítico da “escola história” da economia (Roscher, Knies e Hildebrandt), Weber reivindica, contra ela, a autonomia lógica e teórica da ciência, que não pode se submeter a entidades metafísicas, como o “espírito do povo” que Savigny, nas pegadas de Hegel, concebia como criador do direito, dos sistemas econômicos, da linguagem e assim por diante.

Para Weber, o “espírito do povo” é produto de inumeráveis variáveis culturais e não o fundamento real de todos os fenômenos culturais de um povo.

Por outro lado, o pensamento de Weber caracteriza-se pela crítica ao materialismo histórico, que dogmatiza e petrifica as relações entre as formas de produção e de trabalho (a chamada “estrutura”) e as outras manifestações culturais da sociedade (a chamada “superestrutura”), quando, na verdade, se trata de uma relação que, a cada vez, deve ser esclarecida segundo a sua efetiva configuração. E, para Weber, isso significa que o cientista social deve estar pronto para o reconhecimento da influência que as formas culturais, como a religião, por exemplo, podem ter sobre a própria estrutura econômica.

De importância extrema, Max Weber escreveu a **Ética protestante e o espírito do Capitalismo**. Este é um ensaio fundamental sobre as religiões e a afluência dos seus seguidores. Subjacente a Weber está a realidade econômica da Alemanha do princípio do séc. XX.

Significante, também, é o ensaio de Weber sobre a política como vocação. Weber postula ali a definição de estado que se tornou essencial no pensamento da sociedade ocidental: que o estado é a entidade que possui o monopólio do uso legítimo da ação coerciva. A política deverá ser entendida como qualquer atividade em que o estado tome parte, de que resulte uma distribuição relativa da força.

A política obtém assim a sua base no conceito de poder e deverá ser entendida como a produção do poder. Um político não deverá ser um homem da “verdadeira ética católica” (entendida por Weber como a ética do sermão da montanha, ou seja, oferece a outra face). Um defensor de tal ética deverá ser entendido como um santo (na opinião de Weber esta visão só será recompensadora para o santo e para mais ninguém). A esfera da política não é um mundo para santos. O político deverá esposar a ética dos fins últimos e a ética da responsabilidade, e deverá possuir paixão pela sua atividade e a capacidade de se distanciar dos sujeitos da sua governação (os governados).

Essencial na sua análise das doutrinas da fé, é a confiança na “magia” em sermões e na fé em geral. Muito resumidamente, os protestantes tornaram-se ricos porque não têm nenhuma mão mágica que os leve para o céu. Os protestantes têm de trabalhar constantemente e de forma consistente para assegurar um lugar no céu. Por outro lado, os católicos invocam muitos rituais mágicos, cânticos encantados, um pouco de água e uma reza tipo Abracadabra. E logo as almas dos crentes ficam purificadas para a ascensão ao céu.

Ele também é conhecido pelo seu estudo da burocratização da sociedade. No seu trabalho, Weber delinea a famosa descrição da burocratização como uma mudança da organização baseada em valores e ação (a chamada autoridade tradicional) para uma organização orientada para os objetivos e ação (chamada lega-racional). O resultado, segundo Weber, é uma “noite polar de frio glacial” na qual a crescente burocratização da vida humana o coloca numa gaiola de metal de regras e de controlo racional.

Max Weber morreu de pneumonia em Munique, Alemanha, a 14 de Junho de 1920. Seus seguidores foram Ernest Gellner e David Landes

A família de Max Weber definia-se pelo protestantismo. Os antepassados de seu pai foram refugiados luteranos do Império Austríaco que se instalaram em Bielefeld e se tornaram importantes comerciantes de tecidos.

O capitalismo é protestante?

As soluções encontradas por Weber para os intrincados problemas metodológicos que ocuparam a atenção dos cientistas sociais do começo do século XX, permitiram-lhe lançar novas luzes sobre vários problemas sociais e históricos, e fazer contribuições extremamente importantes para as ciências sociais. Particularmente relevantes nesse sentido foram seus estudos sobre a sociologia da religião, mais exatamente suas interpretações sobre as relações entre as idéias e atitudes religiosas, por um lado, e as atividades e organização econômicas correspondentes, por outro.

Esses estudos de Weber, embora incompletos, foram publicados nos três volumes de sua Sociologia da Religião. A linha mestra dessa obra é constituída pelo exame dos aspectos mais importantes da ordem social e econômica do mundo ocidental, nas várias etapas de seu desenvolvimento histórico. Esse problema já se tinha colocado para outros pensadores anteriores a Weber, dentre os quais Karl Marx (1818-1883), cuja obra, além de seu caráter teórico, constituía elemento fundamental para a lufa econômica e política dos partidos operários. Por essas razões, a pergunta que os sociólogos alemães se faziam era se o materialismo histórico formulado por Marx era ou não o verdadeiro, ao transformar o fator econômico no elemento determinante de todas as estruturas sociais e culturais, inclusive a religião. Inúmeros trabalhos foram escritos para resolver o problema, substituindo-se o fator econômico como dominante por outros fatores, tais como raça, clima, topografia, idéias filosóficas, poder político. Alguns autores, como Wilhelm Dilthey, Ernst Troeltsch (1865-1923) e Werner Sombart (1863-1941), já se tinham orientado no sentido de ressaltar a influência das idéias e das convicções éticas como fatores determinantes, e chegaram à conclusão de que o moderno capitalismo não poderia ter surgido sem uma mudança espiritual básica, como aquela que ocorreu nos fins da Idade Média. Contudo, somente com os trabalhos de Weber foi possível elaborar uma verdadeira teoria geral capaz de confrontar-se com a de Marx.

A primeira idéia que ocorreu a Weber na elaboração dessa teoria foi a de que, para conhecer corretamente a causa ou as causas do surgimento do capitalismo, era necessário fazer um estudo comparativo entre as várias sociedades do mundo ocidental (único lugar em que o capitalismo, como um tipo ideal, tinha surgido) e as outras civilizações, principalmente as do Oriente, onde nada de semelhante ao capitalismo ocidental tinha aparecido. Depois de exaustivas análises nesse sentido, Weber foi conduzido à tese de que a explicação para o fato deveria ser encontrada na íntima vinculação do capitalismo com o protestantismo: “Qualquer observação da estatística ocupacional de um país de composição religiosa mista traz à

luz, com notável freqüência, um fenômeno que já tem provocado repetidas discussões na imprensa e literatura católicas e em congressos católicos na Alemanha: o fato de os líderes do mundo dos negócios e proprietários do capital, assim como os níveis mais altos de mão-de-obra qualificada, principalmente o pessoal técnica e comercialmente especializado das modernas empresas, serem preponderantemente protestantes”.

A partir dessa afirmação, Weber coloca uma série de hipóteses referentes a fatores que poderiam explicar o fato. Analisando detidamente esses fatores, Weber elimina-os, um a um, mediante exemplos históricos, e chega à conclusão final de que os protestantes, tanto como classe dirigente, quanto como classe dirigida, seja como maioria, seja como minoria, sempre teriam demonstrado tendência específica para o racionalismo econômico. A razão desse fato deveria, portanto, ser buscada no caráter intrínseco e permanente de suas crenças religiosas e não apenas em suas temporárias situações externas na história e na política.

Uma vez indicado o papel que as crenças religiosas teriam exercido na gênese do espírito capitalista, Weber propõe-se a investigar quais os elementos dessas crenças que atuaram no sentido indicado e procura definir o que entende por “espírito do capitalismo”. Este é entendido por Weber como constituído fundamentalmente por uma ética peculiar, que pode ser exemplificada muito nitidamente por trechos de discursos de Benjamin Franklin (1706-1790), um dos líderes da independência dos Estados Unidos. Benjamin Franklin, representante típico da mentalidade dos colonos americanos e do espírito pequeno-burguês, afirma em seus discursos que “ganhar dinheiro dentro da ordem econômica moderna é, enquanto isso for feito legalmente, o resultado e a expressão da virtude e da eficiência de uma vocação”. Segundo a interpretação dada por Weber a esse texto, Benjamin Franklin expressa um utilitarismo, mas um utilitarismo com forte conteúdo ético, na medida em que o aumento de capital é considerado um fim em si mesmo e, sobretudo, um dever do indivíduo. O aspecto mais interessante desse utilitarismo residiria no fato de que a ética de ob-

tenção de mais e mais dinheiro é combinada com o estrito afastamento de todo gozo espontâneo da vida.

A questão seguinte colocada por Weber diz respeito aos fatores que teriam levado a transformar-se em vocação uma atividade que, anteriormente ao advento do capitalismo, era, na melhor das hipóteses, apenas tolerada. O conceito de vocação como valorização do cumprimento do dever dentro das profissões seculares Weber encontra expresso nos escritos de Martinho Lutero (1483-1546), a partir do qual esse conceito se tornou o dogma central de todos os ramos do protestantismo. Em Lutero, contudo, o conceito de vocação teria permanecido em sua forma tradicional, isto é, algo aceito como ordem divina à qual cada indivíduo deveria adaptar-se. Nesse caso, o resultado ético, segundo Weber, é inteiramente negativo, levando à submissão. O luteranismo, portanto, não poderia ter sido a razão explicativa do espírito do capitalismo.

Weber volta-se, então, para outras formas de protestantismo diversas do luteranismo, em especial para o calvinismo e outras seitas, cujo elemento básico era o profundo isolamento espiritual do indivíduo em relação a seu Deus, o que, na prática, significava a racionalização do mundo e a eliminação do pensamento mágico como meio de salvação. Segundo o calvinismo, somente uma vida guiada pela reflexão contínua poderia obter vitória sobre o estado natural, e foi essa racionalização que deu à fé reformada uma tendência ascética.

Com o objetivo de relacionar as idéias religiosas fundamentais do protestantismo com as máximas da vida econômica capitalista, Weber analisa alguns pontos fundamentais da ética calvinista, como a afirmação de que “o trabalho constitui, antes de mais nada, a própria finalidade da vida”. Outra idéia, no mesmo sentido, estaria contida na máxima dos puritanos, segundo a qual “a vida profissional do homem é que lhe dá uma prova de seu estado de graça para sua consciência, que se expressa no zelo e no método, fazendo com que ele consiga cumprir sua vocação”. Por meio desses exemplos, Weber mostra que o ascetismo secular do protestantismo “libertava psicológica-

mente a aquisição de bens da ética tradicional, rompendo os grilhões da ânsia de lucro, com o que não apenas a legalizou, como também a considerou como diretamente desejada por Deus”. Em síntese, a tese de Weber afirma que a consideração do trabalho (entendido como vocação constante e sistemática) como o mais alto instrumento de ascese e o mais seguro meio de preservação da redenção da fé e do homem deve ter sido a mais poderosa alavanca da expressão dessa concepção de vida constituída pelo espírito do capitalismo.

É necessário, contudo, salientar que Weber, em nenhum momento, considera o espírito do capitalismo como pura consequência da Reforma protestante. O sentido que norteia sua análise é, antes, uma proposta de investigarem que medida as influências religiosas participaram da moldagem qualitativa do espírito do capitalismo. Percorrendo o caminho inverso, Weber propõe-se também a compreender melhor o sentido do protestantismo, mediante o estudo dos aspectos fundamentais do sistema econômico capitalista. Tendo em vista a grande confusão existente no campo das influências entre as bases materiais, as formas de organização social e política e os conteúdos espirituais da Reforma, Weber salientou que essas influências só poderiam ser confirmadas por meio de exaustivas investigações dos pontos em que realmente teriam ocorrido correlações entre o movimento religioso e a ética vocacional. Com isso, “se poderá avaliar” – diz o próprio Weber – “em que medida os fenômenos culturais contemporâneos se originam historicamente em motivos religiosos e em que medida podem ser relacionados com eles”.

Cronologia

21 de Abril de 1864 – Max Weber nasce em Erfurt. Os pais são o jurista e mais tarde deputado do parlamento imperial (Reichstag) pelo partido nacional-liberal, Max Weber e Helene (nascida na família Fallenstein).

1869 – Muda-se para Berlim com a família.

- 1882-1886** – Estudos de Direito, Economia Nacional, Filosofia e História.
- 1883** – Transfere-se para Estrasburgo, onde presta um ano de serviço militar.
- 1884** – Reinicia os estudos universitários.
- 1888** – Conclui seus estudos e começa a trabalhar nos tribunais de Berlim.
- 1889** – Escreve sua tese de doutoramento sobre a história das companhias de comércio durante a Idade Média.
- 1891** – Escreve a tese A História das Instituições Agrárias.
- 1892** – Habilitação em direito canônico romano e direito comercial (em Berlim).
- 1893** – Casamento com Marianne Schnitger (1870-1954), que será, mais tarde, ativista pelos direitos da mulher e socióloga.
- 1894** – É chamado para ser professor da cadeira de Economia Nacional na Universidade de Freiburg em Breisgau
- 1897** – Professor de Economia Nacional na Universidade de Heidelberg.
- 1898** – Consegue uma licença remunerada na universidade, por motivo de saúde.
- 1899** – É internado numa casa de saúde para doentes mentais, onde permanece algumas semanas.
- 1903** – Participa, junto com Sombart, da direção de uma das mais destacadas publicações de ciências sociais da Alemanha.
- 1904** – Atividade redatorial. Publica ensaios sobre os problemas econômicos das propriedades dos Junker, sobre a objetividade nas ciências sociais e a primeira parte de ***A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo***.
- 1905** – Parte para os Estados Unidos, onde pronuncia conferências e recolhe material para a continuação de ***A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo***.
- 1906** – Redige dois ensaios sobre a Rússia: *A Situação da Democracia Burguesa na Rússia e A Transição da Rússia para o Constitucionalismo de Fachada*.
- 1909** – É co-fundador da sociedade Alemã de Sociologia.
- 1914** – Início da Primeira Guerra Mundial. Weber, no posto de capitão, é encarregado de organizar e administrar nove hospitais em Heidelberg.
- 1917** – Nos Colóquios de Lauenstein, apela para a continuação da guerra, ao mesmo tempo defendendo o retorno ao parlamentarismo
- 1918** – Co-fundador do partido democrático alemão (DDP). Transfere-se para Viena, onde dá um curso sob o título de *Uma Crítica Positiva da Concepção Materialista da História*.
- 1919** – Convocado como conselheiro para a delegação alemã na conferência do contrato de Versailhes. Pronuncia conferências em Munique, que serão publicadas sob o título de *História Econômica Geral*.
- 14 de Junho de 1920** – Max Weber faleceu em Munique, em consequência de uma pneumonia aguda.

Weber, a hermenêutica e as ciências humanas

Por Ivan Domingues

Ivan Domingues é professor titular no Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Na sua formação acadêmica, o professor é bacharel e mestre em Filosofia pela UFGM, bem como doutor em Filosofia, pela Université de Paris I (Sorbonne). O professor é também pós-doutor pela École Normale Supérieure Fontenay/Saint-Clud, em Paris, na França. É autor de vários livros, entre os quais destacamos: **Epistemologia das ciências humanas: positivismo e hermenêutica – Durkheim e Weber**. Tomo 1. São Paulo: Loyola, 2004; **O fio e trama – reflexões sobre o tempo e a história**. Belo Horizonte/São Paulo: Ed. da UFGM/Huminuras, 1996; **Le fil et la trame – réflexions sur le temps e l’histoire**. L’Harmattan: Paris, 2000; **O Grau zero do conhecimento: o problema da fundamentação das ciências humanas**. São Paulo: Loyola, 1999.

O tema do presente artigo visa a elucidar as relações entre Weber, a hermenêutica e as ciências humanas. Três pontos são examinados: 1) a idéia de hermenêutica e seus três campos de atuação: arte ou técnica, filosofia e ciência; 2) o programa científico da hermenêutica ao se estender às ciências humanas, em especial à sociologia e à história; 3) a conveniência de enquadrar ou não a obra de Weber na hermenêutica - hermenêutica científica, no caso. No final, com algumas reservas, é efetuado o enquadramento.

Trabalhamos o assunto em nossa tese de titular, defendida em 2002, no Departamento de Fi-

losofia da UFGM. A tese apresentada recobre as obras de Weber e Durkheim e faz parte de um projeto mais amplo que deverá ser concluído daqui a três anos, envolvendo outros autores e outros assuntos, e tendo por âmbito a epistemologia das ciências humanas. Com o término da revisão conceptual dos capítulos, o trabalho foi publicado como livro em 2004, pela Editora Loyola, o que permite o acesso dos interessados ao conjunto do material trabalhado, tanto no tocante a Weber, quanto com respeito a Durkheim.

Quanto ao presente artigo, consagrado às relações entre Weber e a hermenêutica, na época em que estávamos preparando a palestra que lhe deu origem, ficamos indecisos sobre o melhor modo de tratar o assunto, ficando claro que mais de um caminho era possível: num extremo, uma exposição mais técnica, voltada para um público de especialistas; noutro extremo, uma exposição mais abrangente, visando a um público mais amplo de não iniciados.

Tendo optado pela segunda via, ao levarmos em conta a natureza do evento, procuraremos, na seqüência da exposição, a exemplo da palestra, elucidar as relações de Weber com a hermenêutica, mediante o exame de três tópicos: 1) a idéia de hermenêutica e seus três campos de atuação: arte ou técnica, filosofia e ciência; 2) o programa científico da hermenêutica ao se estender às ciências humanas, em especial à sociologia e à história; 3) a conveniência de enquadrar ou não a obra de Weber na hermenêutica - hermenêutica científica, no caso.

1. Sobre a hermenêutica: arte (técnica), filosofia e ciência

A palavra “hermenêutica” é uma substantivação do verbo grego *hermeneuein*, que, em sua origem, significa traduzir, explicar e exprimir (Grondin). Nestas três acepções, *hermeneuein* tem o sentido de “trazer à compreensão”, “trazer à luz”: a passagem obscura de um texto, a mensagem cifrada do oráculo, etc. Tal sentido, abrangendo os discursos oral e escrito, sugere que a hermenêutica tem a ver com a linguagem, e ao que parece já está fixado desde a origem da palavra *hermeneuein*, que uma etimologia duvidosa, conquanto aceita, deriva sua gênese de Hermes, o deus mensageiro dos gregos, e também dos comerciantes e dos ladrões, ao qual a tradição credita a invenção da linguagem e da escrita.

Por seu turno, o adjetivo *hermeneutikos* (hermenêutica), ao qualificar a “arte” de interpretar os textos e também de decifrar as mensagens divinas e as formulações dos oráculos (*téchne hermeneutiké*), desde sua aparição em solo grego, no mundo antigo, comporta uma acepção sagrada e uma profana. Um sentido sagrado, em vários segmentos do *corpus* platônico, como no *Político* e em *Epimônis*, voltada para a interpretação dos símbolos mítico-religiosos; uma acepção profana, voltada para os signos de tipo laico e mais propriamente lingüísticos, como na *Peri hermeneias* (ou *Da interpretação*), de Aristóteles.

Tal partição da antiga hermenêutica em sagrada e profana também era conhecida dos eruditos romanos e dos teólogos medievais, que dedicaram uma atenção especial à tradução dos clássicos gregos (Homero, etc., no caso dos romanos), assim como dos textos da tradição judaico-cristã, recolhidos pela Bíblia, englobando o Antigo e o Novo Testamento. Cedo esses especialistas compreenderam o quanto o estabelecimento do *corpus* homérico, platônico, aristotélico e dos profetas dependia da remissão ao contexto, do apelo à história, da saturação das lacunas e da introdução de conjecturas. Compreenderam, também, que, no fundo, a tradução de qualquer texto, sagrado ou profano, é uma interpretação,

e por isso a arte de traduzir os textos depende da arte de interpretar, e não é senão um caso da mesma. Este foi, por exemplo, o caso de São Jerônimo, considerado como um dos pais e eminente doutor da Igreja, que, ao se ocupar do livro santo, ao traduzir o grego e o hebraico para o latim, foi levado a recusar a via da tradução literal (letra), tomando o caminho da tradução segundo o espírito ou o sentido.

O nome reservado a esta arte e seus variados ofícios, na tradição latina, era *ars interpretandi* (arte da interpretação), tendo sido o vocábulo *hermenêutica* cunhado mais tarde, em diferentes línguas modernas, como o francês, o inglês e o alemão, no início dos tempos modernos (O dicionário Robert data para o francês *herméneutique* o ano de 1777). Contudo, tanto em sua vertente medieval, quanto em sua versão moderna, a hermenêutica manterá intacto o laço que a liga à longa tradição de exegese dos textos, iniciada no mundo antigo, especificamente na Grécia e no velho Israel: de um lado, a tradição judaica, ao se ocupar da interpretação do velho testamento, particularmente os livros da Tora, acrescido mais tarde dos preceitos do Talmud; de outro, a tradição grega, graças aos trabalhos desenvolvidos, com paciência, pelos eruditos da Biblioteca de Alexandria, ao se ocuparem dos textos literários, filosóficos e científicos dos antigos helenos.

A hermenêutica aplicada aos textos profanos – literários, científicos e filosóficos – é conhecida como “hermenêutica filológica” ou simplesmente filologia (do grego *philo* = amigo + *lógos* = palavra = amigo das palavras, dos estudos e por extensão dos textos). Por sua vez, a hermenêutica aplicada aos textos sagrados é conhecida como exegese ou “hermenêutica bíblica”, com a ressalva de que também no Islã vamos encontrar algo parecido, não sendo, portanto, uma exclusividade nem cristã, nem judaica. Podemos dizer que estas são as duas primeiras e mais antigas versões da hermenêutica na acepção de arte ou técnica (arte de ler e interpretar os textos), as quais têm em comum uma grande dependência das disciplinas históricas e da erudição. Mais tarde, uma disciplina da hermenêutica dos textos profanos ganhará

autonomia e dará nascimento a uma terceira hermenêutica, que se ocupará das leis e sua interpretação: a “hermenêutica jurídica”.

Por fim, já conhecida e legitimada como *téchne* (arte de ler e interpretar os textos), a hermenêutica se expandirá nos tempos modernos em duas direções: 1) em direção à *filosofia*, onde já se fazia presente desde os tempos antigos como hermenêutica ou exegese filosófica (arte de ler e interpretar os textos filosóficos); porém, desta feita, a partir do século XIX, de uma maneira diferente, além de mais ambiciosa e com maior lastro, ao dar origem a uma nova doutrina ou corrente de pensamento, a saber: a “filosofia hermenêutica”, cujos maiores expoentes no século XX são Gadamer e Ricoeur, e cujos fundamentos vamos encontrar nas obras de Schleiermacher, Dilthey, Husserl e Heidegger, conduzindo Ricoeur a promover o casamento da hermenêutica com a fenomenologia; 2) em direção à “ciência”, vale dizer, às ciências humanas, onde vai aparecer como teoria e método científicos, tendo como precursores Dilthey e Droysen, e como grandes expoentes na sociologia, história e antropologia os nomes de Simmel, Weber, Marrou e Geertz, sendo Weber, no nosso entendimento, o maior deles e sendo a Ética o exemplo mais emblemático da aplicação da hermenêutica às ciências humanas.

Qualquer que seja o domínio (técnica, filosofia e ciência), a tarefa da hermenêutica é captar o sentido, que é procurado onde ele se encontra: na linguagem, ou seja, nas diferentes formas de compreensão da linguagem oral e escrita. Também a lingüística se ocupa do sentido e a ele chega a dedicar uma disciplina exclusiva: a semântica. A hermenêutica se coloca na extensão da semântica e se dá por tarefa especial, mais além do trabalho de elucidar o significado dos vocábulos e dos sintagmas, de competência da lingüística (semântica), a restituição do sentido daquelas atividades dos homens que ultrapassam a linguagem ou que a linguagem se limita a ser seu veículo ou suporte. Tal é o caso das leis, dos símbolos religiosos e dos textos filosóficos, científicos e literários, com seu apelo ao mundo, ao humano e ao sobre-humano.

Três são as máximas que vão comandar a hermenêutica em seu esforço por capturar e decifrar o sentido no plano da *téchne*, da filosofia e da ciência: 1ª) a distinção entre espírito e letra, estabelecida por São Paulo no terreno da exegese bíblica, ao dizer contra os judeus “*Ministri non litterae sed spiritus; litterae enim occidit, spiritus autem vivificat*” (“Obedecer não à letra, mas ao espírito; a letra mata, o espírito vivifica”); 2ª) o círculo hermenêutico, celebrizado por Schleiermacher, porém que se origina de Ernesti no terreno da hermenêutica filológica, segundo o qual, na operação de captação do sentido, deve-se remeter o texto ao contexto, a parte ao todo, o sujeito ao objeto, e vice-versa (à diferença da lógica, que falará do círculo vicioso, a hermenêutica falará do círculo virtuoso que permite o trabalho da interpretação, seguindo Heidegger, que dizia “o importante não é quebrar ou romper o círculo, mas nele penetrar corretamente”); 3ª) a idéia introduzida por Schleiermacher segundo a qual a hermenêutica começa onde a compreensão (imediata) pára - em razão de “ruídos” ou “curto-circuitos”, pode-se dizer, gerando a necessidade de perguntar pelo sentido e deflagrar o trabalho da interpretação.

2. Hermenêutica e ciências humanas

Dilthey é o grande responsável pela extensão da hermenêutica às ciências humanas, para além do direito, da exegese bíblica e da filologia. O campo privilegiado de seus trabalhos de hermenêutica foi a história e a psicologia, mas ele estava convencido de que outras disciplinas poderiam fazer o mesmo, como no-lo sugere na frase famosa conforme a qual “nas pedras, nos mármore, sons musicais, gestos, palavras e letras, nas ações, ordens e organizações econômicas, nos fala sempre o mesmo espírito, o qual requer uma interpretação”. Tal interpretação, segundo ele motivada pela necessidade de captar as unidades de sentido, só seria levada a bom termo se lográssemos introduzir no método uma série de elementos desprezados pelos positivistas, a exemplo da empatia,

da revivência e da intuição psicológica, graças às quais podemos transportar-nos para a alma de outrem, bem como para uma outra época histórica, e assim restituir o sentido, salvando-o da morte e do esquecimento. É com base na incorporação desses elementos ao método que Dilthey propõe a famosa dicotomia entre explicação e compreensão, a primeira afeta às ciências naturais, a segunda, às ciências humanas. A dicotomia transparece numa frase que ficou célebre e que até hoje é invocada tanto pelos partidários da hermenêutica, que não estão de acordo com ele, quanto pelos críticos, de outras correntes do pensamento, que nela vêem um equívoco lamentável, a saber: “Explicamos a natureza: o calor dilata os corpos; compreendemos a vida psíquica – uma empatia, por exemplo”.

Além de Dilthey, que não era cientista social, mas filósofo, tendo seus trabalhos como historiador se resumido à biografia de Schleiermacher, a qual fez época e deve ser considerada relevante, outro nome importante na extensão da hermenêutica às ciências humanas é o do historiador alemão Droysen, autor da ***História da política prussiana*** (1855-1886). De fato, é Droysen, e não Dilthey, o responsável pela introdução no campo da hermenêutica da distinção entre explicação e compreensão, abrindo um caminho diferente de Dilthey, posto que ele não tratou de dicotomizar as duas categorias, mas de articulá-las, ao falar de uma “explicação compreensiva”. Posteriormente, outros nomes importantes se somaram aos de Dilthey e de Droysen no esforço de estender a hermenêutica às ciências humanas, como Rickert, Simmel e o próprio Max Weber, ao qual voltaremos no terceiro tópico de nosso estudo.

Numa época em que o vocabulário da hermenêutica era bastante instável, e o sentido dos vocábulos fluía em demasia, embaralhando as correntes de pensamento e testemunhando a juventude da empresa no campo da ciência, outra figura importante, no terreno da psicologia, além da filosofia e da psiquiatria, é Karl Jaspers, amigo de Weber e *habitué* dos famosos salões científico-literários de suas casas em Heidelberg e outras cidades alemãs. Acrescentem-se ainda, posterior-

mente a Weber, o nome de Alfred Schutz, que promove, no âmbito da sociologia, a fusão da hermenêutica e da fenomenologia, assim como a figura de Henri-Irenée Marrou, que é uma espécie de estrela solitária da hermenêutica na história, ou, antes, na historiografia francesa, que é dominada pela Escola dos Anais, cuja índole, como é sabido, é estranha à hermenêutica. Por fim, mais recentemente, cabe mencionar o nome de Clifford Geertz no terreno da antropologia, e os de Paul Ladrière e Jean-Luc Boltanski, no plano da sociologia, que adotam posições próximas das de Paul Ricoeur.

Uma coisa digna de nota, nesta tentativa de extensão do paradigma da hermenêutica às ciências humanas, é a instabilidade de que é vítima suas categorias axiais, para além da doutrina, no plano da metodologia. Assim, Droysen, que introduz a distinção entre explicação e compreensão, propõe sua articulação e fala de uma “explicação compreensiva”. Já Dilthey, como foi mencionado, propõe um caminho diferente, ao dicotomizar explicação e compreensão, reservando a primeira às ciências naturais, a segunda às ciências humanas. Heidegger, por sua vez, diz que a compreensão vem primeiro e a interpretação, que é uma explicação, instaura-se depois, como algo derivado. Gadamer, ao retomar Heidegger, propõe, sem falar de método, uma *démarche* indiferente à distinção entre explicação e compreensão, entendendo que são a mesma coisa. Em contrapartida, procurando fundar a hermenêutica como metodologia geral das ciências do espírito, Emilio Betti propõe uma teoria geral da interpretação, indiferente à distinção entre explicação e compreensão. Por fim, Ricoeur toma a interpretação como categoria abarcante e trata de articular, no mesmo método, explicação e compreensão. Já Weber se põe na extensão de Droysen, articulando explicação e compreensão e fala tanto de uma “compreensão explicativa” quanto de uma “explicação compreensiva” – uma só e mesma coisa.

Por isso, ao examinarmos o paradigma da hermenêutica e suas diferentes aplicações às ciências humanas, devemos levar em conta esse estado de coisas, marcado pela flutuação conceptual

no plano da teoria, bem como pela instabilidade de procedimentos no plano do método¹.

3. Weber, a hermenêutica e as ciências humanas

Antes de mais nada, gostaríamos de deixar claro que não foi nada fácil, na redação da tese, o enquadramento de Weber no terreno da hermenêutica, pois mais de uma barreira se ergueu no meio do caminho, e tão logo superávamos um obstáculo era para nos ver diante de outro. Havia as dificuldades terminológicas e conceptuais oriundas do próprio Weber, como veremos, motivadas pelo fato de o pensador jamais ter-se reconhecido como membro da escola hermenêutica, que, em sua época, não existia como escola e corrente

de pensamento, ao menos com este nome, no terreno das ciências humanas - dificuldade que vamos encontrar até mesmo em Dilthey, que, muitas vezes, empregava outro nome e, em mais de uma ocasião, restringiu o vocábulo hermenêutica à exegese. Havia também as dificuldades oriundas dos intérpretes, como Raymond Boudon e Cathérine Colliot-Thélène, que impugnam a etiqueta de hermenêutica ao se referirem à obra de Weber. Ambas as dificuldades nos obrigaram a empregar uma dupla estratégia com o intuito de mostrar que aquilo que Weber de fato fazia em suas investigações empíricas era bem hermenêutica, cabendo ao epistemólogo, ao reconhecer o que o cientista faz ou fez de fato, elevar o *factum* ao direito e dar a justificação teórico-conceptual. Tal estratégia implicou, por um lado, num paciente trabalho de reconstrução epistemológica, impossível de refa-

¹ Por ocasião do evento, quando a palestra foi proferida, fomos interpelados quanto à propriedade de usar o qualificativo de hermenêutica para designar o pensamento de Weber e de Rickert, cuja influência sobre o sociólogo é reconhecida pelo próprio e pelos estudiosos.

Um dos pontos evocados no tocante a Rickert é o fato de ele nunca ter-se nomeado hermeneuta. Outro ponto é a ausência de menção explícita à categoria de compreensão. O terceiro ponto é o papel axial da categoria de valor em seu método, e não da categoria de sentido. Como estas reservas têm ressonância em mais de um estudioso de Weber e de Rickert, adotamos o expediente de registrá-las, de modo que o leitor, particularmente aquele que não esteve no evento, possa tomar conhecimento dos três pontos assinalados, assim como de nossas razões de pensar de outra maneira.

Em primeiro lugar, como deixamos claro naquela ocasião, a questão nominalista simplesmente não faz sentido: à época de Rickert e de Weber, além da flutuação conceptual, já mencionada, o nome “hermenêutica” sequer existia como vocábulo epistemológico (salvo para a exegese e à exceção de Dilthey, ainda assim com reservas); dar hoje tal nome ao que eles fizeram, mais do que anacronismo, significa tão-somente atualizar o léxico, no sentido pragmático de que o nome que damos hoje para tal coisa é hermenêutica; daqui a cem ou duzentos anos outro nome poderá ser cunhado - nada o impede, em matéria de questões nominalistas os nomes vão e vêm (como sociologia compreensiva, que tinha a preferência de Weber e ninguém emprega hoje, salvo os weberianos); todavia, mais do que o nome, o que importa é a idéia ou o conceito.

Em segundo lugar, lembramos na mesma ocasião que Weber, Rickert, Simmel, Windelband, Dilthey e Troeltsch fazem parte de uma mesma constelação ou de uma mesma família, no sentido de Wittgenstein, a saber: a escola histórica alemã; da mesma forma que fazem parte da mesma família os vocábulos compreensão, sentido e interpretação, gerados e empregados numa época de forte instabilidade teórica e num ambiente de grande flutuação conceptual. Uma das características da escola histórica é sua vizinhança com o romantismo e sua inclinação em reconhecer a ação das potências do coração, do sentimento e do indivíduo. Diremos, então, que é neste quadro que se inserem Weber e Rickert, ou seja, Rickert, o sucessor de Windelband em Heidelberg, que tinha introduzido a distinção entre ciências nomotéticas e idiográficas ao se referir às ciências naturais e humanas; tal distinção é retida e modificada por Rickert, que põe no seu lugar a distinção entre ciências individualizantes e ciências generalizantes (lembremos que “idiográfico”, formado do radical grego *idios* = próprio, particular, especial, é relativo ao indivíduo, como “idioma” e “individualizante” – o que reúne ambos os pensadores numa mesma perspectiva). Demais, se Rickert, não usa o vocábulo compreensão, emprega o correlato interpretação e o associa ao sentido, como em sua obra tardia *Imediatez e Interpretação do sentido – Ensaios para a estruturação do sistema de filosofia*.

Em terceiro lugar, a referência aos valores, além de quebrar as pretensões formalistas em lógica, dando um conteúdo material à distinção natureza / cultura, pode ser vista como uma ponte daquela disciplina com a hermenêutica, na medida em que é o valor que permite o laço entre o sentido e a realidade, permitindo tanto a atribuição de significado aos fatos quanto a avaliação da realidade. Melhor do que Simmel, que buscou, no sentido, a ponte entre o juízo de fato e o juízo de valor, a posição de Rickert é próxima de um outro nome eminente que, de um modo textual, faz do valor a porta de entrada da hermenêutica: Emilio Betti. Weber, por seu turno, permanece mais próximo de Simmel, ao tomar o sentido como porta de entrada. Trata-se mais uma vez de uma grande família, em que os membros se distinguem e discrepam entre si. Sobre as relações de Weber com a hermenêutica, cf. a próxima seção.

zê-la no momento - antes, na palestra, por absoluta falta de tempo, agora por falta de espaço. Remetendo o leitor ávido de maiores esclarecimentos à tese defendida, assim como ao futuro livro, limitar-nos-emos a dizer tão-somente que a reconstrução se resumiu em mostrar, com base no argumento do criador e suas variantes, que Weber é partidário do constructivismo epistemológico, adotando, porém, a variante da hermenêutica, à diferença de Lévi-Strauss, por exemplo, que adota a variante estruturalista². Por outro lado, a estratégia empregada implicou - mais além do exame das ferramentas lógicas e epistemológicas, como o tipo ideal e o princípio da causalidade - na adoção de expedientes pragmáticos, que me levaram a sustentar, seguindo uma sugestão de Julien Freund, que muito do que fez e escreveu Weber, ao atualizar-lhe o léxico, deve ser nomeado, hoje, “hermenêutica”.

Na seqüência, vamos tentar precisar este ponto, antes de concluir a exposição. Começemos pelas barreiras erguidas pelo próprio Weber. Nas poucas vezes em que fala explicitamente da hermenêutica, como em um de seus ensaios de metodologia das ciências da cultura, Weber se lhe refere como se fosse coisa de Schleiermacher, Dilthey e Boeckh, não tendo nada que ver com ele³. E mais: em ***Economia e sociedade***, em vez de hermenêutica, ele fala de compreensão; em vez de sociologia hermenêutica, sociologia da compreensão ou sociologia compreensiva; em vez de método hermenêutico, método da compreensão ou da interpretação. E ainda: em vários ensaios metodológicos, ao invés da dicotomia da explicação / compreensão, propõe um método de interpretação que combine os esquemas empíricos da explicação (causalidade, etc.) com os esquemas mentais da compreensão, porém depurados de seus elementos psicológicos como empatia e revivência, em favor das hipóteses contrafactuais e

dos tipos ideais pensados como constructos ou idealidades – coisa que, diga-se de passagem, Dilthey nunca pensou nem imaginou.

Tal discrepância, na visão de muitos estudiosos de sua obra, é suficiente para desqualificar o emprego do vocábulo hermenêutica ao se procurar nomear-lhe seja a doutrina, seja o método. Trata-se de um equívoco, no nosso entender. Simplesmente, o que esses estudiosos esquecem é que a depuração dos elementos psicológicos da compreensão em favor dos componentes lógicos, tal como empreendida por Weber, se serve para distanciá-lo da hermenêutica, é para afastá-lo da hermenêutica romântica, cujo exemplo emblemático vamos encontrar na obra de Dilthey. Tal é, aliás, o caso de dois outros partidários da hermenêutica, porém pós-romântica, como Gadamer e Ricoeur, que igualmente repudiam o caminho traçado pelo filósofo. Por isso, em que pesem as discrepâncias terminológicas e conceptuais patenteadas pela obra weberiana, ao atualizar-lhe o léxico e reconstruir-lhe a epistemologia, podemos dizer que Weber não só é um dos grandes expoentes da hermenêutica nas ciências humanas, bem como que ele, sem dúvida, teve melhor fortuna do que Dilthey, cuja influência se circunscreveu ao campo da filosofia. A favor dessa idéia - Weber hermeneuta, para muitos inaceitável -, invocaremos três argumentos: 1) o emprego consciente e nada aleatório do termo “compreensão”, de inegável vocação hermenêutica (trata-se da *Verstehen* de Dilthey, de Droysen, de Gadamer e de Ricoeur), bem como do vocábulo “interpretação”, que igualmente integra o campo semântico da hermenêutica, embora sem exclusividade, e em cuja origem vamos encontrar a *hermeneia* dos antigos; 2) o privilégio que confere à captação do sentido, desta feita junto à ação, como já tinha proposto Dilthey, atitude igualmente de ressonância hermenêutica; 3) a própria associação entre explicação e

² O argumento em questão foi formulado por Vico, ao dizer acerca do real que só podemos conhecer plena e efetivamente aquilo que nós mesmos criamos – quanto às coisas que não foram criadas por nós, como a natureza, só conhecemos indiretamente e por analogia. Na tese, mostramos que o argumento deu origem, na epistemologia moderna, a um conjunto de vias e variantes: o constructivismo, o operacionalismo, o instrumentalismo, o pragmatismo, etc. Ao reconstruirmos a epistemologia weberiana, a enquadrámos no constructivismo, conferindo-lhe porém, a título de variante, um viés hermenêutico.

³ Cf., por exemplo, o ensaio Knies e o problema da irracionalidade. In: *Metodologia das ciências sociais*, p. 66, n. 46 (ver referências bibliográficas).

compreensão como pólos da interpretação, associação que, além de Droysen, é preconizada por Ricoeur, ele próprio partidário da hermenêutica e também ele preocupado com a superação da dicotomia demasiadamente rígida entre explicação e compreensão.

Assinalemos que, ao se propor como ciência empírica e se estender a diferentes disciplinas das ciências humanas, a idéia axial da hermenêutica é que, no campo dos fenômenos humano-sociais, o cientista não lida com fatos brutos ou simples coisas, mas fatos ou coisas dotadas de sentido ou de significação⁴. Caberá ao cientista, mais do que descrever e explicar os fatos, perguntar pelo sentido e procurar compreendê-lo (decifrá-lo) com a ajuda de meios empíricos. O sentido, por sua vez, é polissêmico, varia no tempo e no espaço, pode inflacionar-se, erodir-se e entrar em colapso, ao gerar o nihilismo, ficando sua apreensão a depender do ângulo e da perspectiva do observador. Já a compreensão, além de perspectivística, se define por dois outros componentes ou aspectos em suas operações cognitivas: trata-se de uma apreensão (do latim *comprehensio*, correlato de *aprehensio* = apreensão de algo com as mãos e, por extensão, com a mente); consiste numa “inclusão”, abarcando a coisa e o sujeito. Desde então, três notas vão caracterizar a visão de ciência da hermenêutica: 1) a ênfase no sentido, mais além do fato ou da coisa; 2) o perspectivismo ou a idéia de que a ciência fornece uma perspectiva da realidade, espacial e temporal; 3) a incorporação do sujeito no processo cognitivo e na própria operação de análise e determinação do sentido (pois o ponto de vista ou a perspectiva é do sujeito), em sua dupla condição de matriz ou fonte da significação (sujeito doador de sentido) e sujeito epistemológico ou hermenêutico.

Concluindo a exposição, gostaríamos de acrescentar, sem condições de desenvolver o assunto, que em nossa reconstrução da epistemologia weberiana, ao compararmos Weber com Durkheim, fizemos uma espécie de brincadeira, ao modo de um jogo de retórica, mostrando que, em Durkheim, por trás do positivista se esconde um kantiano, ao passo que, em Weber, ao contrário, por trás do kantiano se esconde o positivista, que adota o princípio da neutralidade axiológica e mantém o princípio da verificação empírica. Ao trabalhar a tensão resultante da adoção dessas duas matrizes de pensamento, fomos levados a mostrar a dificuldade de ajustá-la ao tripé epistemológico de sua metodologia, constituído pelos eixos da descrição, da explicação e da interpretação, tendo como categoria abarcante a compreensão ou *Verstehen*. O resultado é que Weber, ao levar até o fim o componente kantiano de seu método, tinha tudo para instalar o sujeito epistemológico no limiar do conhecimento, ele que já tinha introduzido o ponto de vista do sujeito, ao falar de seleções, de recortes e de perspectivas do sujeito cognoscente ou do cientista. Todavia, não o fez, e como que interrompeu suas análises epistemológicas “antes”.

Ora, o que vai fazer a hermenêutica depois de Weber, e também depois de abandonar o sujeito transcendental de Kant no campo da ciência, foi justamente introduzir o sujeito hermenêutico no limiar do conhecimento, tomando-o, a um tempo, como sujeito doador do sentido ou matriz das significações, e sujeito construtor ou sujeito epistemológico. Um pouco disso é o que vamos encontrar nas obras de Schutz e de Geertz no campo da sociologia e da antropologia. Porém, o que aconteceu e o modo como aconteceu são uma outra história, que deixaremos para uma outra oportunidade.

⁴ Sobre a conexão entre o sentido e os fatos, inúmeras são as passagens de Max Weber que nos mostram a existência de uma verdadeira simbiose. Sobre a natureza do sentido, cujo estatuto é da ordem de uma idealidade, o sociólogo nos oferece em *Economia e sociedade* um trecho em que deixa claro o laço entre sentido e ação, bem como evidencia o tipo ou a modalidade do liame, ressaltando sua natureza consciente ou inconsciente, além de racional ou irracional. O trecho é o seguinte: “a ação racional sucede, na maioria dos casos, em surda semiconsciência ou inconsciência de seu ‘sentido visado’. O agente mais o ‘sente’, de forma indeterminada, do que o sabe ou tem ‘clara idéia’ dele; na maioria dos casos, age instintiva ou habitualmente. Apenas ocasionalmente e, no caso de ações análogas em massa, muitas vezes só em poucos indivíduos, eleva-se à consciência um sentido (seja racional, seja irracional) da ação. Uma ação determinada pelo sentido efetivamente, isto é, claramente e com plena consciência, é na realidade apenas um caso-limite” (WEBER, M. *Economia e sociedade*, v. 1, p. 13 – Ver referências bibliográficas).

Referências bibliográficas

DILTHEY, W. Origens da hermenêutica. In: MAGALHÃES, R. (org.). *Textos de hermenêutica*. Porto: Rés-Editora, s/d.

DOMINGUES, I. *Paradigmas e modelos das ciências humanas no século XX: as vias de Émile Durkheim e Max Weber*. Belo Horizonte, mimeo., 2 tomos, 502 p., 2002 (Tese de titular).

GADAMER, H.-G. *Verdade e método*. Petrópolis: Vozes, 1998.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. São Paulo: LTC Editora, 1989.

GRONDIN, J. *L'universalité de l'herméneutique*. Paris: PUF, 1993.

_____. Herméneutique. In: JACOB, A. (éd.). *Encyclopédie philosophique*. Paris: PUF, 1990, p. 1129-34.

PALMER, R. *Hermeneutics*. Evanston (IL): Northwestern University Press, 1969.

RICOEUR, P. *Do texto à ação – ensaios de hermenêutica II*. Porto: Rés-Editora, s/d.

_____. *Teoria da interpretação*. Lisboa: Edições 70, 1987.

VVAA. *Comprendre et interpréter: le paradigme herméneutique de la raison*. Paris: Beauschesne, 1993 (Apresentação de J. Greisch).

WEBER, M. *Economia e sociedade*. 4.ed. Brasília: Editora UnB, 2000. V.1

_____. *Metodologia das ciências sociais* São Paulo / Campinas: Ed. Cortez / Ed. da Unicamp, 1992 / 1993. (2 v).

Em defesa da pluralidade e da multicausalidade

Entrevista com Antônio Flávio Pierucci

Antônio Flávio Pierucci é professor na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas do Departamento de Sociologia da USP, em São Paulo. Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), é mestre em Ciências Sociais pela PUCSP, e sua dissertação teve o título **Igreja Católica e Reprodução Humana no Brasil**. O professor também é doutor em Sociologia pela USP, tendo sua tese o título **Democracia, Igreja e voto: o envolvimento do clero católico na eleição de 1982**, e livre docente pela USP, com a tese **Desencantamento do mundo: os passos do conceito em Max Weber**. Esse trabalho transformou-se no livro **O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber**. São Paulo: Editora 34, 2003. O professor também é autor de, entre outros,

Igreja: contradições e acomodação. São Paulo: Brasiliense / Cebrap, 1978; e **Ciladas da diferença**. São Paulo: Editora 34, 1999. Publicamos a seguir trechos da entrevista concedida por ele ao **IHU On-Line**, por telefone, na última semana.

Uma nova tradução do livro **A ética protestante e o “espírito”⁵ do capitalismo** de Max Weber acaba de ser publicada pela Companhia das Letras (Weber, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. Tradução José Marcos Mariani de Macedo; revisão técnica, edição de texto, apresentação, glossário, correspondência vocabular e índice remissivo Antônio Flávio Pierucci. São Paulo: Cia. Das Letras, 2004). A edição recupera a versão original do ensaio e a apresenta em conjunto com o texto de 1920, revisado e ampliado pelo próprio Max Weber.

⁵ “Quando, há cem anos, apareceu pela primeira vez nas páginas da revista *Archiv für Sozialwissenschaft* (1904) o germinal ensaio de Max Weber sobre a ética ascética do protestantismo puritano como berço da cultura ocidental moderna, seu título trazia entre aspas – aspas de cautela e ao mesmo tempo de ênfase – a palavra “espírito”. Exatamente como na atual edição. Com essa marcação diacrítica o autor salientava de imediato aos olhos do leitor o que é que, afinal de contas, pretendia identificar, ao lado da ética religiosa ali no título, como seu “novo” objeto de análise na busca sociológica de uma relação causal histórica. E esse novo objeto não era o capitalismo como sistema econômico ou modo de produção. Era, sim, o capitalismo enquanto “espírito”, isto é, cultura – a cultura capitalista moderna, como tantas vezes ele irá dizer –, o capitalismo vivenciado pelas pessoas na condução metódica da vida de todo o dia. Noutras palavras, o “espírito” do capitalismo como conduta de vida: *Lebensführung*. Para começo de conversa: o mínimo que esperamos desta nova edição em português é deixar assentado de uma vez por todas que Weber nos legou não somente duas edições d’**A ética protestante**, mas duas versões. A primeira, publicada em duas levas, em 1904 e 1905, e a outra, revista em ampliada, editada em 1920. Por isso é que aqui, com tradução mais atenta a uma correspondência vocabular mínima entre os termos-chave empregados nos dois idiomas e nas duas áreas de conhecimento mais diretamente mobilizadas no ensaio weberiano (a saber, a nascente sociologia alemã e a velha teologia protestante), a palavra “espírito” recupera as aspas que o próprio Weber havia cortado para a segunda edição.” A nota transcreve o trecho inicial da apresentação, assinada por Antônio Flávio Pierucci, da edição d’**A ética protestante e o “espírito” do capitalismo** comemorativa ao centenário da primeira publicação (Nota do **IHU On-Line**).

IHU On-Line – “Ética protestante e o espírito do capitalismo” mantém-se atual?

Antônio Flávio Pierucci – Sim, na medida em que é uma obra que se colocou como desafio interpretar a arrancada do processo de modernização ocidental, e nós ainda estamos vivendo em pleno processo de modernização, se não mais nos países centrais, no Terceiro Mundo, nos países asiáticos, na América Latina. No Brasil, estamos vendo isso acontecer nos rincões que a gente jamais imaginava tão rapidamente modernizados. Então a obra é muito atual, nesse sentido. Por que? Porque mostra também que no processo de modernização, que é um processo de racionalização, não basta levar em conta os fatores puramente econômicos, ou como diríamos um tempo atrás, os fatores puramente materiais, mostra que os fatores culturais pesam muito. E entre esses fatores culturais tem um peso, cada vez mais pronunciado, o fator religioso.

IHU On-Line – Na apresentação do livro o senhor diz que se oportuniza uma reflexão sobre a obra à luz do pós-modernismo. Em que sentido?

Antônio Flávio Pierucci – Me refiro a uma coisa tipicamente pós-moderna, que é o fato de, agora também nas ciências humanas, começarmos a dar importância para o texto. A feitura do texto, a confecção do texto, agora, também passar a ser objeto de atenção. E eu digo isto porque na nova edição nós procuramos mostrar que o texto tem uma história, em si mesmo. Temos um texto em dois momentos: a primeira forma, de 1904 e 1905, que é uma primeira versão, que não foi editada em forma de livro, mas como artigos de uma revista importante, a *Archiv für Sozialwissenschaft*. Depois, quinze anos passados, com o Weber já munido de um outro aparato conceitual, que ele próprio foi desenvolvendo, revendo a primeira versão, acrescentando muitas coisas. Não apenas informações novas, acrescentando conceituações novas. Entre as quais eu faço sobressair

não ali, [na apresentação de “A ética...”] mas no livro que eu escrevi no final do ano passado, a noção de “desencantamento do mundo” [ver a introdução desta entrevista]. Que é uma noção tão central no pensamento do Weber e que, até então, nós pensávamos que já havia nascido prontinha, assim como se imaginava o mesmo de “A ética...”. Muitos daqueles conceitos foram surgindo na elaboração da sua sociologia no decorrer desses quinze anos. Em 1920, retoma e recheia, digamos assim, aquela primeira versão com novos conceitos, o que nos dá uma sensação de estarmos lendo dois livros ao mesmo tempo. Então, é neste sentido que eu falo do pós-moderno, no sentido de que agora não só o conteúdo do texto é importante, mas a escrita em si mesma, a maneira como o texto nasceu, com as suas correções, com as suas hesitações conceituais, com a troca de palavras, o ajustamento de certas expressões, de certos conceitos. Isto faz com que agora o texto, mesmo, seja alvo de interesse do estudioso, não apenas o que está sendo dito no texto. O texto em si mesmo, na sua materialidade, digamos assim, passa a ser objeto de atenção⁶.

IHU On-Line – A segunda versão apenas reforça a primeira? Não há mudanças na estrutura do conteúdo?

Antônio Flávio Pierucci – Não. Na edição de 1920 há uma nota de rodapé, que destacamos, onde ele diz que não alterou nada de substantivo, nada de essencial, e até sugere aos seus críticos e objetores que cotejem os textos. Weber não mudou a sua interpretação básica do que é a relação entre uma ética religiosa que, no caso, é a ética de um tipo de protestantismo, que ele chama de protestantismo ascético, o puritano, que vai gerar um tipo de comportamento na sociedade capitalista, na atividade econômica. Ou seja: há uma relação de causalidade no nível da cultura. A ética protestante gera um *ethos* profissional. Não gera o capitalismo, gera uma “embocadura” profissional, uma forma de encarar a vida, uma maneira de en-

⁶ Cf. também GAUCHET, Marcel, **Le Désenchantement du monde. Une histoire politique de la religion**, Paris: Gallimard, 1985 e GAUCHET, Marcel, **La condition historique**. Entretiens avec François Azouvi et Sylvain Piron, Paris: Stock, 2003 (Nota do *IHU On-Line*).

carar a atividade econômica inteiramente nova, inteiramente racional. Isto não muda, da primeira para a segunda versão. Mas ele acrescenta coisas muito importantes, como o conceito de “desenchantamento”, que é central no seu pensamento.

IHU On-Line – O capitalismo contemporâneo ainda precisa do *ethos* profissional desenvolvido pela ética protestante?

Antônio Flávio Pierucci – Weber é muito claro com relação a isto. O capitalismo não precisa mais de uma ética especificamente religiosa, mas precisa de um *ethos* racional. A partir do momento em que o capitalismo se afirma sobre os seus próprios pés, já no final do século 19, quando o capitalismo entra na sua fase de indústria pesada, que é a indústria da siderurgia, da metalurgia, da produção de máquinas, equipamentos, e não mais apenas a produção de bens de consumo, aí já temos a lógica de um capitalismo autonomizado em relação a uma ética religiosa. Ele precisa de agentes racionais dispostos ao trabalho. Hoje nós estamos vendo que as empresas estão selecionando as pessoas com hábitos de maior escolaridade, com maior flexibilidade na sua capacidade de aprender e de se reciclar. As pessoas, para serem ajustadas ao capitalismo, precisam, de alguma forma, ser educadas racionalmente. Nesse sentido, a contribuição da obra de Weber é perfeita, é extremamente atual. Sobretudo nos postos de direção, o capitalismo exige ainda hoje das pessoas uma dedicação ao trabalho extraordinária, como se a realização humana se reduzisse à realização profissional. Então as pessoas, os famosos *workaholics*, executivos, gerentes, subgerentes, toda essa parcela de trabalhadores precisa de uma dedicação ao trabalho que é praticamente puritana. O capitalismo exige uma dedicação e uma capacidade de autodomínio, autocontrole, de repressão dos instintos de preguiça, de ócio, de prazeres, de vícios... Nós temos, no Brasil, uma camada de trabalhadores qualificados que faz isso com uma dedicação que parece religiosa. Então, a ênfase que o Weber dá, estudando o protestantismo ascético, vem com essa mensagem de que é preciso ascese, de que as pessoas devem levantar cedo e começar a trabalhar e trabalhar até tarde e se dedicar se possível,

também na horas vagas ao trabalho. Tudo isso é muito importante para – embora Weber não use essa expressão – “subir na vida”.

IHU On-Line – O que perdura é a idéia de “subir na vida”?

Antônio Flávio Pierucci – Isto perdura. Não perdura mais para a maioria, porque o capitalismo não consegue dar emprego, mais, para as pessoas. Entre os empregados existem aqueles que são facilmente substituíveis, e aqueles que são de mais difícil substituição. Desses, o capitalismo exige o máximo de dedicação. É uma dedicação sem Deus, é uma dedicação de si mesmo, a um fundamento puramente racional que, examinado a fundo, tem um forte componente irracional. Se perguntarmos para as pessoas porque elas trabalham tanto, elas não conseguem dizer mais que é porque Deus quer assim, que é uma missão divina, que é uma vontade de Deus. Vão tentar dizer que é importante ser assim, porque é assim que eles se realizam, que é assim que eles garantem o futuro dos filhos, que eles garantem o futuro da pátria, usando esses argumentos para tentar explicar uma atitude anti-humana, praticamente.

IHU On-Line – Esta organização racional do trabalho propiciada pelo protestantismo, se contrapôs, segundo Weber, a um capitalismo pária, representado pela forma judaica de negociar. Mas o capitalismo contemporâneo não assumiu as formas de um capitalismo pária?

Antônio Flávio Pierucci – O capitalismo pária referido por Weber era um capitalismo de pessoas que não criavam raízes. O capitalismo judaico foi sobretudo um capitalismo de empréstimo de dinheiro. A diáspora judaica desenraizou os judeus, os espalhou pelas diferentes nações, onde atuavam em profissões não ligadas à produção, ligadas às transações financeiras. E com isso eles se educavam muito, eram muito dedicados às artes, à produção intelectual, à ciência, onde se destacaram bastante. Nesse contexto, Weber está dizendo: o capitalismo produtivo exige uma racionalização cotidiana e incansável, porque o capitalismo financeiro não precisa desse tipo de dedica-

ção, ou não precisa desse tipo de solidez. Por isso que ele o chama de capitalismo pária, porque é um capitalismo ádvena⁷, um capitalismo que é importante, mas não se aclimata.

IHU On-Line – Então poderíamos dizer que estamos a lidar com dois tipos de capitalismo: um que ainda busca essa modernização típica ocidental, e que se espalha pelo Brasil, e um capitalismo financeiro predatório?

Antônio Flávio Pierucci – Sim, o capitalismo financeiro é um capitalismo que, na realidade, não cria nenhum capitalismo auto-sustentável. Ele não produz no Brasil um capitalismo autônomo, autóctone. Há uma mudança de qualidade do tipo de capitalismo, que não leva mais aquilo a um processo de modernização produtiva.

IHU On-Line – Uma das dificuldades da expansão do capitalismo, na análise do Weber, foi o tradicionalismo, a idéia de que bastava ganhar o suficiente para satisfazer as necessidades básicas, o desapego ao lucro. Se o capitalismo clássico, que ainda se expande pelo Brasil, não recorre mais ao apelo de uma produção abençoada por Deus, e precisa qualificar seus empregados, como ele os está educando?

Antônio Flávio Pierucci – O capitalismo precisa de apenas uma parcela da população que se dedique a ele. O capitalismo não abarca a totalidade das pessoas, hoje uma grande parte da população é inteiramente supérflua, inteiramente descartável. O capitalismo, hoje, não tem mais condições de oferecer pleno emprego. O capitalismo é, hoje, altamente seletivo. Aqueles que sentem o apelo que o Weber diria, divino, de uma predestinação a serem prósperos numa sociedade como esta, estes são predestinados a se darem bem num sistema como este. Isto é: não está dito que a maioria vai se salvar; salvar-se-á uma minoria. Essa minoria, ninguém sabe quem são. Mas eles, os escolhidos, saberão; constroem, para si, a sua própria predestinação. Isso é cruel, mas é uma coisa que existe, é possível pensar um Deus assim,

Calvino pensou. Não pensou Deus como “Pai de todos”. Então, isso é tremendamente perverso. Nós vivemos, realmente, num momento da história absolutamente execrável, no sentido de que você vê as pessoas, os jovens criando expectativas que não serão concretizadas para todos, nem mesmo para a maioria deles.

IHU On-Line – O senhor disse que os elementos religiosos, a cultura religiosa continua sendo importante para a expansão capitalista. O senhor está se referindo ao pragmatismo das vertentes evangélicas, por exemplo?

Antônio Flávio Pierucci – No que se refere ao pragmatismo, o protestantismo dos séculos 16 e 17, tirando o luteranismo, a corrente luterana, o protestantismo que Weber chama de ascético era extremamente pragmático. Era uma religião de homens de negócios, de homens práticos, que faziam da sua atividade econômica o lugar, por excelência, do seu encontro com Deus. Isso é pragmático. Essa é outra coisa que aprendemos relembrando a “A ética...”: a religião não precisa ser mística, não precisa ser não prática, pelo contrário, ela pode ensinar as pessoas a organizarem de uma maneira mais prática as suas vidas, a terem um espírito prático, a saberem que, fazendo isso, elas estarão contribuindo para a glória de Deus. Se você coloca a glória de Deus como o seu objetivo, e o que você faz é cuidar do seu dia a dia, de garantir o seu bolso e a sua prosperidade, isto é protestantismo do mais legítimo. Não é o protestantismo de Lutero, que é o protestantismo do amor, da salvação universal, do arrependimento dos pecados...

IHU On-Line – Pode-se dizer que, de maneira geral as manifestações evangélicas correspondem modernamente a esse espírito?

Antônio Flávio Pierucci – Não. Weber, quando fala “ética protestante”, na verdade desconstrói a idéia de que o protestantismo é um bloco único, igual. Há protestantismos das mais diferentes espécies. Há um protestantismo extremamente místico, há ênfase no êxtase e na experiência imediata do gozo, da graça no Espírito Santo, ela pode

⁷ Quem vem de fora; estranho, alienígena. (Nota do *IHU On-Line*).

ter efeitos práticos e pode ter efeitos alienantes. Weber vai falar de “desencantamento” mostrando que o protestantismo é um fator importante de desmagificação da prática religiosa. Nós estamos vendo que algumas vertentes desse nosso protestantismo, sobre tudo das correntes criadas aqui no Brasil, autóctones, tipo Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Renascer, elas têm fortes componentes de magia, têm um apego aos objetos sagrados, a determinados gestos sagrados como se eles tivessem força salvífica. Na teoria calvinista, isto vai ser jogado no lixo como sendo idolatria, como sendo divinização das criaturas. Não dá para dizer que o protestantismo que cresce no Brasil é o protestantismo ascético do século 17. Há muito pouco de ascetismo, em algumas coisas. Agora, eu acho o seguinte: eu acho que os pastores protestantes destas igrejas no Brasil trabalham muito, trabalham mais do que muitos padres e do que muitos pastores mais tradicionais. As igrejas deles ficam abertas 24 horas por dia. Há uma idéia de trabalho pastoral – eu não sei se eles chamam assim – nessas correntes evangélicas, que é absolutamente incansável.

IHU On-Line – O senhor diria que a Igreja Católica não está conseguindo proporcionar uma certa “eticização”, como a oferecida pelo protestantismo a uma sociedade que se desenvolvia?

Antônio Flávio Pierucci – Um dos problemas da Igreja Católica é ser uma igreja clerical. É uma Igreja que tem uma hierarquia e que depende muito, do ritmo dessa hierarquia. Do meu ponto de vista, não mais falando em termos weberianos, eu acho esse ritmo da hierarquia paquidérmico. A hierarquia católica, no Brasil, é muito lenta, nas suas decisões. As igrejas evangélicas são muitos mais ágeis, têm uma estrutura que você pode não concordar com ela, há uma desintelectualização dos pastores protestantes, dessas igrejas neopentecostais, bastante acentuada. Você sabe qual é o estado de maior taxa de evangélicos no Brasil? É Rondônia. No censo 2000, já tinha 27% de evangélicos. Ou seja: também os protestantes crescem no Brasil porque a Igreja Católica não consegue preencher as necessidades espirituais da população. Não tem padres, o que vai fazer?

IHU On-Line – Esta acentuada presença dos evangélicos nessa região, à parte seu lado mágico, místico, é um braço de desenvolvimento capitalista?

Antônio Flávio Pierucci – Não tenha dúvida, é um braço de desmatamento, é um braço de desenvolvimento do capitalismo em todos os sentidos mais perversos, de instalação de grandes propriedades, de corrupção, no sentido capitalista, das lideranças indígenas, eu não tenho dúvidas quanto a isso. É muito intrigante que os estados mais protestantes do Brasil sejam estados da Amazônia. A taxa de protestantes em Roraima também é próxima dos 27%.

IHU On-Line – A análise de Weber, em “A ética protestante”, alcança a sociedade pós-industrial?

Antônio Flávio Pierucci – Isso é uma etapa do capitalismo que a ética protestante de Weber não atinge, não alcança. O Weber não tinha idéia de que o capitalismo chegaria nisso que nós chamamos de capitalismo pós-industrial, de uma sociedade que nos anos 1970 começamos a chamar de sociedade de consumo, que pede que as pessoas se divirtam, que as pessoas saiam de casa, que as pessoas dediquem as suas horas a consumir, se divertir em grupos, dançar...consumir muito, ir a bares, tudo isso é ócio, é sociedade de consumo, isso não é ética protestante, não é mesmo. Isso é uma tendência contrária àquilo que o Weber imaginava, não é ascético, não é ascese. Aquilo que o Weber dizia ainda se aplicava, eu dizia, a uma parcela da população, os eleitos, como eu disse antes, parafraseando o Weber. Estas pessoas, que não se dedicam ao trabalho, elas não estão entre os ascetas, são pessoas voltadas para o prazer, o gozo, inclusive do próprio corpo, se submeterem ao desejo, e não mais cuidar dos seus interesses e dos seus valores. Isso o Max Weber não alcançou, e “A Ética...” tem muito pouco a dizer.

IHU On-Line – “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, pode ser considerada um marco histórico na refutação empírica do materialismo histórico, considerando o estudo que ele faz a partir das religiões e das suas decorrências culturais na evolução do capitalismo?

Antônio Flávio Pierucci – Weber não tinha pretensão de refutar o materialismo histórico, tem um momento que ele vai dizer: eu não estou querendo substituir uma visão unilateral, uma visão materialista, por uma outra visão unilateral dando ênfase ao “espírito”, aos fatores culturais, aos fatores ideais, de idéias... Ele fala: na realidade só se pode entender os fenômenos históricos se nós tivermos a capacidade de olhar as diferentes formas de causalidade, os diferentes fatores que entram na explicação. Weber era contra a monocausalidade, contra o monismo explicativo. Ele achava que a história é muito mais rica e que, para explicarmos um fenômeno histórico, uma situação histórica, um conjunto de fenômenos históricos, precisamos levar em conta os vários fatores. Sejam eles os fatores materiais, no sentido de puramente econômicos, sejam eles os fatores culturais, como no caso da ética protestante ou, como ele

vai lembrar em muitas notinhas de rodapé de “A Ética...”, fatores políticos, aos quais o materialismo histórico dava muito pouca ênfase, como sendo tão importantes no seu influxo causal quanto os fatores econômicos. Ele não refuta o materialismo histórico simplesmente invertendo-o, como Marx teria feito com Hegel. Ele simplesmente diz: olha, não dá para ser mono, tem que ser pluri, tem que ser multicausal para podermos entender a vida humana na sua complexidade.

IHU On-Line – O senhor diria que para o governo brasileiro atual está faltando um pouco de leitura de Weber?

Antônio Flávio Pierucci – Eu acho que para o governo atual está faltando leitura, não é que esteja faltando leitura de Weber. As pessoas têm que ler, estudar. O “núcleo duro” do governo não é de pessoas estudiosas, nós estamos sentindo que isso faz falta.

Reler Weber no contexto atual, promovendo uma atualização metodológica e epistemológica

Entrevista com Almiro Petry

Almiro Petry é professor das Ciências Humanas da Unisinos. Graduado em Ciências Sociais e em Filosofia pelas Faculdades Anchieta de São Paulo (FASP), é mestre em Sociologia Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com dissertação intitulada **Percepção de oportunidades de melhoria de vida de agricultores de uma área minifundiária – Cruzeiro do Sul/RS**, e é doutorando⁸ em Ciências Sociais Aplicadas pela Unisinos, com tese intitulada **Modelo planejado de universidade na reconfiguração organizacional da Unisinos X Modelo jesuíta de universidade: tensões e desvios**. O professor é organizador, ao lado de José Odelso Schneider e Matias Martinho Lenz, do livro **Realidade Brasileira: Estudo de problemas brasileiros**. 11 ed. Porto Alegre: Meridional EMMA, 1993.

IHU On-Line – Qual é, na sua opinião, o principal legado de Max Weber?

Almiro Petry – A obra de Max Weber (1864-1920) representa uma inegável contribuição às Ciências Sociais e, de modo particular, à Sociologia Contemporânea, tanto na esfera da investigação quanto na teoria. O legado weberiano impulsionou o desenvolvimento das Ciências Sociais e a riqueza de suas abordagens pode ser agrupada nos seguintes principais campos: (1) A religião e o

comportamento econômico. Ele examinou as implicações das orientações religiosas na conduta econômica das pessoas. Os estudos clássicos são o da relação entre a ética protestante e o desenvolvimento do capitalismo no Ocidente e o do racionalismo confuciano de adaptação ao mundo. De modo genérico, a discussão sobre esta temática desdobra-se em três aspectos: um, que se refere àquilo que Weber quis dizer; outro, que trata de ampliar, corrigir e refutar a relação que Weber estabelece entre o domínio da ação religiosa e o comportamento econômico; o terceiro, completa a tese de Weber ao examiná-la em novos contextos. (2) A metodologia weberiana da compreensão através da formulação de categorias de *tipo ideal*. É uma ferramenta heurística como caminho para confrontar o campo empírico com o *tipo ideal*. Weber, contudo, sinaliza com a contínua necessidade da transformação dos conceitos frente à apreensão e compreensão da realidade. (3) A burocracia e as organizações, como domínio legal e racional. O tratamento tipológico de domínio burocrático é explícito, quando Weber aborda a organização racional da empresa capitalista e do Estado. As categorias analíticas giram em torno do *poder* e da *dominação*. Além desse, os domínios *carismático* e *tradicional* também têm sua importância. Estes destaques do legado weberiano não menosprezam a forte presença no Direito, na His-

⁸ O professor Almiro Petry já concluiu o curso e sua tese de doutorado, porém não obteve o título de doutor ainda, porque espera a aprovação do Doutorado do PPG em Ciências Sociais Aplicadas da Unisinos para defender sua tese.

tória, na Economia, na Psicologia e na Política. Em pesquisa feita pela Associação Internacional de Sociologia (disponível no site www.ucm.es/info/isa/books), sobre o livro mais influente do século XX, Max Weber é o autor mais destacado. Entre 978 indicações, *Economia e Sociedade*⁹ recebeu 95 (9,7%) e *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, 47 (4,8%). Entre estas duas apareceram *A imaginação sociológica* (W. Mills, com 59 indicações) e a *Teoria social e estrutura social* (R. Merton, com 52 votos). Mas, somando as demais obras, Weber recebeu 166 (17%) indicações. A pesquisa detalha outros aspectos, como o idioma com que o sociólogo trabalha (65,3% têm o inglês como língua de trabalho), a idade e o sexo. Chama a atenção que *Economia e Sociedade* recebeu as primeiras indicações nas três faixas etárias: 18% (até 45 anos), 23% (45-55 anos) e 20% (acima de 56 anos), empatando, aqui, com *Teoria social e estrutura social* de R. Merton. Na faixa dos jovens sociólogos, P. Bourdieu (*A distinção*) aparece em 2º lugar, com 15% dos votos. Em 1999, o jornal *Folha de S. Paulo* (Caderno Mais! De 11-04-1999) divulgou uma pesquisa feita junto a intelectuais brasileiros sobre o livro mais impactante do século XX. Ficou em 1º lugar *A ética protestante e o espírito do capitalismo* e, em 3º lugar, *Economia e Sociedade*. Eis um consenso em torno da obra de Weber, apontando para a importância e relevância de seu legado.

IHU On-Line – Quais as principais limitações apresentadas pela sua sociologia, frente às exigências contemporâneas? Seu “método compreensivo” perdura?

Almiro Petry- Em primeiro lugar, as exigências contemporâneas decorrem da configuração da sociedade no início do século XXI. Weber teve

como empiria a sociedade industrial capitalista do início do século XX. Sua luta foi na construção de uma ciência empírica, com um objeto claramente definido, analisado e interpretado com seu método inovador na construção da teoria social. Hoje pretende-se ver, naqueles procedimentos, alguns obstáculos epistemológicos para avançar na teoria social. Talvez a principal restrição seja ao objeto propriamente dito, ou seja, à sociedade nacional, com base em um território, delimitado geograficamente, habitado por um povo que se caracteriza pela cultura, pelo Estado, etc. Frente ao crescente cosmopolitismo, aquela sociologia se apresentaria limitada para a compreensão da ação humana, das condutas, das organizações cada vez mais desterritorializadas, desfronteirizadas, em suma, globalizadas. Mudando o objeto, a exigência seria mudar o método e construir novas teorias. Entretanto, aprofundando mais o pensamento de Weber, fica evidenciado que sua unidade central da análise sociológica é a ação individual e a ação social que se expressam nas relações do indivíduo na ordem econômica, na ordem social, na ordem política e na ordem religiosa. Elabora, então, a concepção em função do sentido que o indivíduo atribui às próprias ações, nos diferentes âmbitos da sociedade. Mas isso precisa ser entendido. Essa é a essência da *sociologia compreensiva*: o interesse da investigação e da construção da ciência volta-se para a compreensão dos comportamentos, das condutas, das tradições, dos valores e das relações entre os indivíduos, tendo por base empírica a realidade social concreta. Sendo assim, as limitações fluem mais das restrições que se fazem ao método weberiano, à sua abordagem e à proposta analítica. Em Weber fica muito evidente que ele constrói sua teoria da sociedade sobre as relações de poder em que dá ênfase às idéias de luta,

⁹ No Brasil, a Editora da Universidade de Brasília – UnB, publicou, em dois volumes a obra ***Economia e Sociedade***. A tradução foi revista tecnicamente por Gabriel Gohn. A tradução é feita a partir da quinta edição. A outra importante tradução é a publicada pelo Editora Fondo de Cultura Económica, do México, intitulada ***Economia y Sociedad. Esbozo de sociología comprensiva***. Esta tradução é feita a partir da quarta edição alemã (póstuma) que tem uma disposição diferente e inclui uma série de trabalhos que não aparecem nas três primeiras edições. O título original da obra de Weber é: ***Wirtschaft und Gesellschaft. Grundriss der Verstehenden Soziologie***, Tübingen: J.C.B. Mohr, (Paul Siebeck), 1922. Para maiores informações sobre esta obra que é, segundo Raymond Aron, “a construção mais monumental que se tenha tentado nas ciências sociais”, cf. a introdução à edição brasileira de Gabriel Gohn intitulada *Alguns problemas conceituais e de tradução em Economia e sociedade*. (Nota do **IHU On-Line**)

de seleção e de competição. Incorpora em seu esquema analítico a idéia de luta, não na perspectiva darwiniana, mas como um componente fundamental de toda a relação social. Julga que é impossível eliminar a luta da vida social. Para ele, ela se encontra em toda parte e dela resulta uma *seleção*. Isso se apresenta como extremamente atual. Em segundo lugar, o método da compreensão continua atualíssimo. Revistando os textos, fica patente que Weber dedica grandes energias para distinguir os enunciados que exprimem um conhecimento empírico dos que exprimem juízos de valor. Condena a confusão entre essas duas ordens. Para ele, a tarefa do conhecimento científico consiste na *compreensão racional da realidade empírica*, aquela que está ao nosso redor. Essa é verificável através da observação direta ou mediante a construção de *tipos ideais*, que não se encontram empiricamente, mas que possibilitam determinar “a proximidade ou o afastamento entre a realidade e o quadro ideal”. A confrontação visa a captar o sentido ou a conexão de sentido, sustentada pela construção lógica e racional do *tipo ideal*, permitindo a compreensão do caso particular.

IHU On-Line – Segundo os preceitos weberianos, pode-se dizer que o atual governo do País exerce uma dominação carismática, a partir da figura do Presidente Lula?

Almiro Petry – Categoricamente, não. A questão do poder e da *dominação* marca a obra de Weber. Ele vê a temática à luz dos dominantes, colocando a legitimidade como a probabilidade de obter a obediência, de forma direta ou através de um quadro administrativo. Considera o poder como “toda a probabilidade de impor a própria vontade numa relação social” e a dominação como “toda a probabilidade de encontrar obediência a uma ordem de determinado conteúdo”. Para identificar isso, constrói *tipos puros* de dominação legítima, classificando-os em legal, tradicional e carismático. A dominação carismática baseia-se no devotamento de uma qualificação pessoal extraordinária e em virtude da qual se atribuem à pessoa poderes ou qualidades sobrenaturais, sobre-humanas. Ela também pode ser vista como enviada por Deus. Disso decorre sua liderança. Os lidera-

dos, ou adeptos – os carismaticamente dominados – reconhecem a(s) qualidade(s) e tributam-lhe veneração de herói e a confiança de um líder. Assim, a dominação carismática sustenta-se pelo devotamento dos carismaticamente dominados, mas se desvanece quando não há mais provas do carisma, ruindo, igualmente, a liderança. A relação entre o dominante e os dominados é estritamente emocional. Não há quadros administrativos, mas discípulos. A dominação carismática opõe-se rigorosamente à dominação racional. Sua legitimação está no reconhecimento do carisma pessoal. Pode constituir-se numa grande força revolucionária. Mas a dominação carismática perde sua forma genuína de extracotidianidade, quando ela se rotiniza ou se burocratiza. Nessa perspectiva, parece exagerado atribuir ao Presidente Lula e a seu governo a categoria de *dominação carismática*, apesar dos 53 milhões de votos. Caberia indagar sobre o sentido destes votos. Nas eleições passadas, afirmava-se que os votos depositados no Collor eram votos *anti-Lula*. O mesmo se repetiu em relação ao Presidente Fernando H. Cardoso. Será que em 2002, parcela dos votos confiados a Lula, não foram votos anti a octaetérde de FHC? O *marketing* do Duda Mendonça, criando a imagem do *Lulinha Paz e Amor*, cooptou parte dos eleitores. Isso não diminui possíveis traços carismáticos que Lula tenha. Sem dúvida, um metalúrgico subir a rampa do Palácio para ser investido da mais alta magistratura da República, é inédito e inusitado. Satisfaz, momentaneamente, uma série de anseios populares. Mas, instalado no poder central, o Presidente Lula, adotou claramente todas as características da *dominação burocrática*. Há, contudo, um detalhe: parte do *quadro administrativo* hierárquico foi desmantelado para dar chance aos *discípulos carismaticamente dominados*.

IHU On-Line – Quais aspectos da obra weberiana deveriam ser mais valorizados pelas universidades?

Almiro Petry – Este questionamento nos conduz a uma seara que é a autonomia da universidade, a autonomia dos campos científicos e a autonomia dos cientistas. Neste caso, a posição weberiana é

de que os cientistas devem mostrar donde provêm suas posições e afirmar que estão a “serviço de tal deus e ofendendo tal outro”... Da mesma forma, Weber julga que “o verdadeiro professor terá escrúpulos de impor, do alto de sua cátedra, uma tomada de posição qualquer, tanto abertamente quanto por sugestões...”.

IHU On-Line – Quais ensinamentos a sociedade (e as igrejas) podem extrair de “A ética protestante...” para enfrentar o século XXI?

Almiro Petry – *A ética protestante e o espírito do capitalismo* foi publicado em 1904 (1ª parte) e 1905 (2ª parte), no periódico *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik* (v.XX e v.XXI), atingindo a 1ª parte, este ano, seu centenário. Em 1920, com a revisão, inserções e alterações, do próprio Weber, integra o v. I de *Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie*. Em 1930, T. Parsons traduz a obra para a língua inglesa, projetando o trabalho de Weber no mundo acadêmico, fora da Alemanha. Em 1967, o público brasileiro teve acesso ao texto pela publicação da Livraria Pioneira Editora. Em 2002, surge, em formato “bolso”, pela Editora Martin Claret. Em 2004, a Companhia das Letras, publica a Edição de Antônio Flávio Pierucci, em comemoração ao centenário. A temática da religião, Weber aborda na *Sociologia da religião (Die protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus; Wirtschaft und Gesellschaft*, cap.V; *Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie – v. I, II e III*). Seu foco é a análise sociológica da religião como categoria de *domínio da ação religiosa* na regulação das relações entre os poderes supramundanos e os homens e vice-versa. Aceita a premissa de que os mundos – o sacro e o profano – se intercomunicam e que a *ação religiosa* está orientada para o *mundo profano*, através de profissionais específicos (mago, sacerdote, pajé, etc., manipuladores das *forças extraordinárias*), que são os *mediadores*, carismaticamente qualificados (em oposição aos *leigos*), visando a obter benefícios *do* ou *para* o *mundo sacro*, com presença viva no *mundo profano*. Na prática, o *domínio de ação religiosa* é uma intervenção no cotidiano das pessoas que poderá ser por *forças superiores* (deus, espírito) ou *inferiores* (demônios). Nesta perspec-

tiva, Weber indaga, fundamentalmente, em que medida as concepções religiosas têm influenciado a vida econômica das diferentes sociedades. Ele acredita que o comportamento humano só pode ser compreendido dentro da concepção de mundo (*Weltanschauung*) de cada povo. Nela estão contidos os dogmas religiosos, os valores, os preceitos sociais, etc. A partir daí ele quer estabelecer a relação entre o *domínio da ação religiosa* e a *conduta econômica*. O ensaio *A ética protestante e o espírito do capitalismo* contempla esses aspectos. Para tanto, Weber traça um *ethos* do asceta que, em relação à ordem do mundo, vê a vocação (profissão – *Beruf*) que deve ser exercida racionalmente. Entende o capitalismo como o sistema de produção calcado na empresa, cujo objetivo é o maior lucro possível, cujo meio é a organização racional do trabalho e da produção, unindo o desejo de lucro com a disciplina racional. Na perspectiva do ascetismo, a vocação (profissão) é tida como a colaboração racional com os objetivos estabelecidos por Deus na criação, configurando uma ação racional orientada por valores e fins. Disso resulta um *modus vivendi* racionalizado. Para analisar o nível de racionalização promovida por uma religião, Weber aponta dois critérios: o primeiro é o grau em que ela se despoja da magia, e o segundo, é o grau de coerência sistemática que ela imprime à relação entre Deus e o mundo. Disso decorre a própria relação ética do crente com o mundo (profano). Em relação ao primeiro critério, o puritanismo, juntamente com o protestantismo ascético (calvinismo, pietismo, metodismo e as seitas batistas) elimina completamente a magia atingindo o “pleno desencantamento do mundo”. O puritano genuíno rejeita todo e qualquer rito para “obter a graça de Deus para aqueles a quem Ele a negara”, como estabelece a doutrina da predestinação. Essa doutrina dogmatiza que o mundo existe para servir à glorificação de Deus, e os eleitos estão no mundo para aumentar a glória de Deus. Então, a *certeza da salvação* torna-se uma necessidade fundamental. Em decorrência, o puritanismo diante do dilema *liberdade ou destino*, trata racionalmente o mundo frente aos desígnios do Deus supramundano. O puritano é impelido a transformar o mundo para acumular riqueza

zas, porque desenvolve a convicção no valor ético da riqueza como meio universal de aperfeiçoamento moral geral. Nisso Weber vê o seu segundo critério: a coerência sistemática na conduta. O puritano acredita na promessa de que o mundo lhe é dado porque “ele tinha-se empenhado por Deus e sua justiça”, por isso, ele tem a riqueza como a bênção visível de Deus. Ela também significa a resposta concreta à pergunta existencial: “serei eu um dos eleitos?”. Weber denomina o racionalismo puritano de *dominação racional do mundo*, porque – além da sobriedade, da frugalidade, do impulso aquisitivo e da valorização da riqueza – a ética racional puritana está orientada “para além do mundo” e, para o puritano, “o trabalho intramundano não passava de expressão do esforço por uma meta transcendente”. Daí emerge a impulsão para transformar e dominar racionalmente o mundo. Assim, o domínio da ação religiosa puritana, impulsionada pelo êxito econômico, converge para a lógica e a racionalidade capitalista, engajando-se no avanço inexorável do capitalismo ocidental. Nessa convergência, consagra-se o re-

investimento contínuo do lucro não-consumido, expressão de afinidade entre a *ética protestante* e o *espírito do capitalismo*, quando se busca maximizar o lucro, não para gozar a vida, mas na intencionalidade de produzir cada vez mais. Em suma, é o que Weber analisa. Entretanto, em 1920, Weber reconhece que o “*capitalismo avançado* dos dias de hoje tornou-se independente daquelas influências que a religião podia exercer no passado”. Evidencia, assim, que seus estudos buscaram as razões históricas da expansão do capitalismo no Ocidente. Encontra-as na Reforma que eliminou a dominação eclesiástica, implantando a dominação calvinista, uma verdadeira tirania puritana. Por isso, seria muito presunçoso “extrair ensinamentos” para enfrentar o século XXI. O que poderá ser feito (quicá, seja uma exigência), é reler Weber no contexto atual, promovendo uma atualização metodológica e epistemológica, para completar, ou negar definitivamente, a centenária tese da relação entre a conduta racional religiosa e a conduta racional econômica.

Max Weber hoje

Entrevista com Richard Swedberg

Richard Swedberg é professor de Sociologia na Universidade de Cornell, Estados Unidos. Nascido em 1948, em Estocolmo, na Suécia, especializou-se em Sociologia Econômica, incluindo Economia, Direito e Teoria Sociológica. É graduado e mestre em Direito pela Universidade de Estocolmo, e Ph.D. pelo Departamento de Sociologia do Boston College. Antes de trabalhar na Universidade de Cornell, trabalhou no Departamento de Sociologia da Universidade de Estocolmo. Desde 2002, é diretor associado no Centro de Estudos de Economia e Sociedade, na Universidade de Cornell.

É fundador e foi o primeiro editor da **Economic Sociology: European Electronic Newsletter** [Revista Eletrônica Européia de Sociologia Econômica] (1999-2000) e integra os conselhos editoriais e é correspondente de publicações especializadas em sociologia de vários países. O professor Richard é autor de, entre outros, **Sociology as Disenchantment: The Evolution of the Work of Georges Gurvitch** [Sociologia como Desencantamento: A Evolução da Obra de Georges Gurvitch] (Humanities Press, 1982. (livro baseado em sua tese de doutorado); **Max Weber Dictionary** [Dicionário de Max Weber], com a assistência de Ola Agevall. Stanford: Stanford University Press; **Max Weber and the Idea of Economic Sociology** [Max Weber e a Idéia de uma Sociologia Econômica]. Princeton: Princeton University Press, 1998, a ser traduzido para o japonês (Bunka Shobu) e português. Traduzido para o chinês em 2003 (Commercial Press of Beijing) escolhido pela Revista Choice como um dos

melhores livros acadêmicos de 1999; **Principles of Economic Sociology** [Princípios de Sociologia Econômica]. Princeton: Princeton University Press, 2003, a ser publicado em italiano (pela EGEA, Universidade de Bocconi), em chinês (pela China Renmin University Press), e em húngaro; e autor, com Victor Nee, do livro **The Economic Sociology of Capitalism** [A Sociologia Econômica do Capitalismo], pela Princeton University Press, 2004 e com Neil Smelser, de **The Handbook of Economic Sociology** [Manual de Sociologia Econômica], 2004.

IHU On-Line – Max Weber ainda pode ser considerado um dos paradigmas da sociologia? Quais os conceitos formulados por ele que ainda mantêm o vigor teórico?

Richard Swedberg – Bem, esta é uma pergunta ampla que poderia levar horas para ser respondida. Para resumir o que penso, primeiramente, gostaria de salientar que a influência de Weber na sociologia moderna é, em geral, considerada muito importante. Quando a teoria sociológica clássica é ensinada, por exemplo, são Marx, Weber e Durkheim que geralmente estão no centro (enquanto que Simmel é, de certa forma, marginalizado). Conceitos como *carisma*, *status* e *autoridade* ou *dominação* (*Herrschaft*) também se tornaram parte da terminologia de sociologia. Existem livros sobre cada um desses conceitos e, sem dúvida, outros serão escritos. Obviamente, existe, também, o grande e importante impacto de Weber na teoria da organização, principalmente através de suas idéias sobre burocracia; e sobre estra-

tificação, através de suas idéias sobre *status* e fechamento social. Além disso, Weber é sempre a figura principal na “nova sociologia econômica” que está se tornando cada vez mais importante.

IHU On-Line – Qual foi o significado de “A ética protestante e o espírito do capitalismo” para as ciências sociais”? Sua análise pode ser adaptada às relações da sociedade pós-industrial com o aumento das religiões marcadas pelo pragmatismo?

Richard Swedberg – O argumento de Weber na *Ética Protestante* pode ser resumido da seguinte maneira: Protestantismo – principalmente aquelas formas de Protestantismo que Weber denomina de “Protestantismo Ascético” (Calvinismo, Pietismo, Metodismo e outras tantas seitas que se derivam do Movimento Batista) todas contribuíram para a erradicação do capitalismo tradicional e derivaram para um novo tipo de capitalismo: capitalismo racional moderno. Este principalmente realizou esta proeza pela introdução de uma atitude muito mais metódica em relação ao trabalho e à obtenção de lucros. Pelo fato de ser uma religião, o Protestantismo Ascético também pode reduzir a resistência tradicional da religião para o trabalho pesado e a obtenção de lucros. Foi quando emergiu um novo tipo de empreendedor e de trabalhador. O modo como este argumento é trabalhado na *Ética Protestante* é uma questão muito debatida. Por exemplo, o conceito de Lutero de vocação (*Beruf*) teve um papel importante no sentido de atribuir valor positivo ao trabalho. Também existe uma discussão complexa sobre Calvino e predestinação. Weber argumenta, com toda brevidade, que a predestinação fez com que os adeptos do Calvinismo se sentissem inseguros e que essa insegurança fez com que eles procurassem sinais que não condenassem; a riqueza foi vista por alguns seguidores de Calvino como um sinal para não ser condenado. Está esse argumento correto? Bem, esse tipo de entrevista não é apropriada para discutir essa questão que tem sido objeto de ferrenhas discussões desde 1904-1905, quando a tese de Weber foi publicada

pela primeira vez. Contudo, deixe-me fazer referência a um bom estudo neste assunto: *In Search of the Spirit of Capitalism* [À Procura do Espírito do Capitalismo] de Gordon Marshall¹⁰. Uma das várias questões que Marshall salientou em seu trabalho foi que muitos aspectos cruciais do argumento de Weber não podem ser considerados positivos nem negativos; e a única razão disso é que falta evidência empírica para pontos cruciais na argumentação de Weber. Weber não apresentou evidência empírica em seu estudo, e agora, provavelmente, é tarde demais para mudar a situação. Pode o argumento de Weber na *Ética Protestante* ser utilizado para a compreensão da sociedade pós-industrial? Novamente, uma questão ampla e há muito pouco espaço para respondê-la. Apesar disso, uma vez que Weber estabelece uma sociologia completa (mais em relação à Economia e Sociedade do que à *Ética Protestante*!), não possuímos tantas categorias sociológicas e idéias com as quais se pode trabalhar. Conceitos como *status*, classe social, relacionamentos sociais abertos/fechados, *carisma* e burocracia podem, na minha opinião, ser usados para analisar a sociedade atual. A religião exerce o papel na sociedade pós-industrial da mesma forma como o faz na *Ética Protestante*? Pode ser tentador pensar que sim; por exemplo, os Estados Unidos são, ao mesmo tempo muito religiosos e muito exitosos como nação capitalista. Todavia, o argumento de Weber na *Ética Protestante* foi de que um certo tipo de religião ajudasse a “abrilhantar” o capitalismo racional em um certo momento no passado – e depois caiu no esquecimento. Quando Weber visitou os Estados Unidos no início do século XX, ele não questionou o poder industrial da nação por causa do papel da religião; havia outros motivos para isso. Dessa maneira, minha resposta é que, sem dúvida, deveríamos utilizar algumas das idéias e conceitos de Weber para analisar o papel da religião na sociedade pós-industrial – porém, não podemos simplesmente “traduzir” a tese de Weber sobre *Ética Protestante* para os dias de hoje.

¹⁰ Gordon Marshall é autor do *The Concise Oxford Dictionary of sociology*. Oxford, 1996. (Nota do *IHU On-Line*).

IHU On-Line – É possível identificar, na sociologia contemporânea, teóricos ou escolas que ampliaram e atualizaram a contribuição de Weber, sem descaracterizá-la?

Richard Swedberg – Primeiramente, deve-se salientar que não existe uma total equivalência, na escola weberiana, em relação ao marxismo, ou seja, não existem escolas específicas de pessoas que a vêem como sua tarefa principal de trabalhar de acordo com o paradigma weberiano e posteriormente desenvolvê-lo. Para ser direto: nunca existiu escola weberiana de sociologia. O que existe, na verdade, é uma grande quantidade de cientistas que utilizam pequenas partes do trabalho de Weber em suas análises. Há, também, uma explicação detalhada, aparentemente sem fim, daquilo que Weber realmente “quis dizer”, bem como uma preocupação com particularidades intrincadas de seu trabalho e vida – o que pode ser chamado de *weberologia*. A categoria que mais se aproxima daquilo que você procura pode ser denominada de neoweberismo. Esse rótulo é geralmente colocado em vários trabalhos de sociologia – principalmente na sociologia anglo-saxônica – a qual tem tentado renovar, desde o final da década de 1970, várias áreas de estudo, com a ajuda das idéias de Weber de forma independente e não-dogmática. Alguma inspiração para um projeto como o neoweberianismo deve ter-se originado do neomarxismo e também alguns neoweberianos devem, algum dia, ter sido neomarxistas. De qualquer forma, especialmente três áreas têm sido o centro da sociologia neoweberiana: estratificação, sociologia histórica e a sociologia da situação. Talvez a essas possa juntar-se a teoria da organização – bem como vários outros temas, tais como educação, religião e saúde. Abordagens neoweberianas também podem ser encontradas na antropologia e na ciência política. Dois dos mais importantes estudos do neoweberianismo são *Weberian Sociological Theory* [A Teoria Sociológica Weberiana] de Randall Collins¹¹ e *Marxism*

and Class Theory: A Bourgeois Critique [O Marxismo e a Teoria de Classes: Uma Crítica Burguesa] de Frank Parkin¹². Outros sociólogos contemporâneos influentes, cujos trabalhos são geralmente denominados de neoweberianos, incluem Anthony Giddens, Michael Mann e Theda Skocpol.

IHU On-Line – Qual é, na sua opinião, o significado da idéia de “desencantamento do mundo” presente na obra de Weber?

Richard Swedberg – O desencantamento do mundo (*Entzäuberung der Welt*) é uma expressão no trabalho de Weber que se refere ao processo através do qual as pessoas deixam de explicar o mundo e seu cosmos com a ajuda de forças mágicas, para acreditar na ciência e nas formas racionais de pensamento. Certamente, os intelectuais exerceram um papel-chave no processo de desencantamento do mundo. De acordo com *Science as a Vocation* [Ciência como Vocação], na qual esse tipo de assunto é discutido por Weber, “hoje em dia, no essencial, não intervêm forças misteriosas incalculáveis, mas, em princípio, podemos controlar todas as coisas mediante o cálculo. Isso significa que o mundo está desencantado”. O problema de viver em um mundo moderno desencantado é que a ciência tornou-se o novo Deus – e isso é problemático porque a ciência não consegue responder os problemas existenciais das pessoas, tais como “Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos?” O próprio Weber pensou que novos deuses apareceriam, de uma forma nietzschiana – hoje, porém, quase um século após sua morte, não vimos nenhum novo Deus surgir. Estamos “presos” em um mundo sem sentido. Weber também pensou que seriam os intelectuais que mais sofreriam com o fato de viverem em um mundo sem sentido; e de uma forma mais geral, ele freqüentemente enfatizava que o que os intelectuais mais queriam era *significado*. Eu, pessoalmente, penso que é uma idéia interessante. Às vezes, brinco com a idéia de que a ciência social

¹¹ Este livro foi publicado pela Cambridge University no ano de 1986. Randall Collins publicou no ano 2000 o livro **Sociology of philosophies** pela Harvard University. (Nota do **IHU On-Line**).

¹² Este livro foi editado pela Columbia University Press, 1983. Do mesmo autor, em português, pode ser encontrado o livro Max Weber editado pela Celta Editora, 1997 (Nota do **IHU On-Line**).

pode ser vista como uma enorme tentativa (criada pelos intelectuais!) para encontrar sentido na realidade. Certamente, a ciência social não tem êxito no estabelecimento de explicações causais – talvez, por isso, a ciência social seja mais uma evidência dessa procura por sentido do que uma tentativa exitosa para explicá-lo...

IHU On-Line – Na sua opinião, as universidades norte-americanas destinam ao legado de Weber a atenção que ele merece?

Richard Swedberg – Primeiramente, deve ficar bem claro que foram os sociólogos americanos que não deixaram Weber ser esquecido. Logo depois de sua morte, em 1920, Weber foi esquecido na Alemanha e em outros lugares. Isso, em especial, foi graças ao sociólogo americano Talcott Parsons que liderou a redescoberta de Weber como um grande cientista social e sociólogo desde a década de 1930. Depois de Parsons, um número enorme de sociólogos americanos renomados fizeram importantes contribuições para a escola weberiana e/ou utilizaram as idéias de Weber em suas próprias pesquisas: Reinhard Bendix, Peter

Berger, Peter Blau, Randall Collins, Everett C. Hughes, Seymour Martin Lipset, Robert K. Merton, Talcott Parsons, Edward Shils, Theda Skocpol e Arthur Stinchcombe. Qual é a posição atual de Weber na sociologia americana? A situação é um tanto contraditória. Por um lado, ele é respeitado como um dos grandes clássicos, e as pessoas sabem que devem citá-lo e fazer referências ao seu trabalho em seus artigos. Por outro lado, porém, há uma forte tendência, nos Estados Unidos de hoje, de ignorar os clássicos e deixar qualquer um no departamento ensinar *teoria sociológica*. Isso, certamente, significa que as pessoas que leram, pelo menos, *A Ética Protestante* e algumas páginas a mais escritas por Weber, de repente, se sintam aptas para introduzir os estudantes num trabalho que é imensamente difícil e desafiador. O resultado final torna-se um Weber simplificado que é muito menos interessante do que o verdadeiro Weber. Isso é uma triste situação. Esperamos, porém, que seja somente uma fase na sociologia americana. Seria irônico se a sociologia americana fosse a primeira a redescobrir Weber e, depois, enterrá-lo.

Meu Clássico

Depoimento de José Ivo Follmann

O clássico escolhido pelo Prof. Dr. José Ivo Follmann é Max Weber. Follmann é doutor em Sociologia, pela Université Catholique de Louvain, U.C.L., Bélgica; mestre em Ciências Sociais, pela PUC-SP; especialista em Teologia Pastoral, em Cooperativismo e em História Contemporânea, pela Unisinos. Atualmente, é diretor de Ação Social e Filantropia da Unisinos, professor do PPG em Ciências Sociais Aplicadas e responsável pelo Programa Gestando o Diálogo Inter-Religioso e Ecumenismo, GDIREC, do Instituto Humanitas Unisinos.

Max Weber

Eu não me considero um weberiano, mas devo dizer que Max Weber influenciou muito minha sociologia. Ele é um dos meus clássicos.

Max Weber é do final do século 19 e inícios do século 20. É um dos pais da Sociologia. Ele fez escola, combatendo, de certa forma, a grande influência que Karl Marx tinha no meio intelectual. Era um homem que congregava, em torno de si, um importante debate político e científico. Seus maiores inspiradores foram, certamente, Rickert, Dilthey, Nietzsche, Lamprecht, Schmoller e outros. Os seus colegas mais próximos foram Simmel, Tonnies, Troeltsch e Schumpeter. Ele teve fortes embates com o pensamento de Marx, por um lado, e de Durkheim, por outro. Criticado por uns e aprofundado por outros, o seu pensamento marcou a Sociologia.

Tive muito contato com o modo como Weber é utilizado tanto por Pierre Bourdieu, como por Alain Touraine e também pelos que hoje trabalham a questão do sujeito e da dinâmica pessoal

na sociologia, como Guy Bajoit, Jean Remy (que foi meu orientador no doutorado) e outros.

Suas obras

As duas obras que eu citaria são: **O sábio e a política** e **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Em **O sábio e a política**, que é a reprodução de uma das grandes conferências que ele costumava dar no meio acadêmico, aborda a complicada relação entre o ser militante político e o ser cientista. Já na obra **A ética protestante e o espírito do capitalismo**, Weber sintetiza, em um exemplo paradigmático, a sua contribuição teórica que quer mostrar o quanto os modelos culturais e determinações éticas (e religiosas) impactam e influenciam os rumos da economia.

Weber é um clássico que muito contribuiu para a minha maneira de fazer sociologia, apesar de eu não poder ser considerado um weberiano, nem poder dizer que ele é meu autor preferido. Eu destacaria, na contribuição de Weber para a minha vida (de cientista e militante), exatamente a sábia distinção e, ao mesmo tempo, a coerência que ele estabelece entre o cientista e o militante. Agregado a isso está a distinção que ele faz entre a ética de responsabilidade e a ética de convicção. Trata-se de duas dimensões que se complementam. Quanto mais alguém souber integrar, harmonicamente, em sua vida, essas duas dimensões, mais pleno ele se faz como pessoa humana. Devo dizer, que esta luz de Max Weber, me ajudou muitíssimo, na minha vida pessoal de cientista e militante; de sociólogo e de religioso jesuíta; de técnico e de humanista.

Novos conceitos em permanente gestação

Entrevista com Wolfgang Schluchter

O professor Dr. honoris causa Wolfgang Schluchter, nascido em 4 de abril de 1938 em Ludwigsburg, na Alemanha, concedeu a entrevista ao **IHU On-Line**, por e-mail.

Tendo estudado nas Universidades de Stuttgart, Tübingen e Munique e na Freien Universität Berlin os cursos de Sociologia, Ciências Econômicas, Ciências Políticas e Filosofia, o professor Wolfgang diplomou-se e doutorou-se na Freien Universität Berlin, com habilitação na Universidade de Mannheim, Alemanha. Atualmente é professor de Sociologia na Universidade de Heidelberg, desde 1976. Antes disso, foi professor de Ciências Sociais na Universidade de Düsseldorf. De 1997 até 2002, esteve em missão na Universidade Erfurt, onde foi pró-reitor de Pesquisa e Nova Geração Científica e também foi diretor de Estudos da Cultura e Ciências Sociais do colégio Max-Weber. É autor de, entre outros, **Entscheidung für den sozialen Rechtsstaat. Hermann Heller und die staatsrechtliche Diskussion in der Weimarer Republik**. [Decisão por um estado de direito social. Hermann Heller e a discussão teórica estatal na República de Weimar]. Colônia-Berlim: Kiepenheuer e Witsch, 1968, 2. ed. 1983; **Aspekte bürokratischer Herrschaft. Studien zur Interpretation der fortschreitenden Industriegesellschaft**. [Aspectos de um domínio burocrático. Estudos para a interpretação da sociedade industrial em desenvolvimento.], Munique 1985; **Die Entwicklung des okzidentalen Rationalismus. Eine Analyse von Max Webers Gesellschaftsgeschichte**, [O desen-

volvimento do racionalismo ocidental. Uma análise da história da sociedade de Max Weber.] Tübingen: Siebeck, 1979. Nova edição sob o título: **Die Entstehung des modernen Rationalismus. Eine Analyse von Max Webers Entwicklungsgeschichte des Okzidents**, [A criação do racionalismo moderno. Uma análise da história do desenvolvimento do Ocidente de Max Weber] Frankfurt: Suhrkamp, 1998; **Max Weber's Vision of History: Ethics and Methods** [Visão da História por Max Weber: Ética e Métodos.](junto com Guenther Roth), Berkeley: University of California Press, 1979, 2.ed.1984; **Rationalismus der Weltbeherrschung**, [Racionalismo do domínio mundial.] Frankfurt: Suhrkamp, 1980; **Religion und Lebensführung**, [Religião e modo de vida.] Frankfurt: Suhrkamp, 1988, Edição específica para estudos acadêmicos 1991. Vol. 1: **Studien zu Max Webers Kultur- und Werttheorie**. [Estudos sobre a cultura e teoria de valores de Max Weber.] Vol. 2: **Studien zu Max Webers Religions- und Herrschaftssoziologie**. [Estudos sobre a sociologia da religião e do domínio de Max Weber.]; **Rationalism, Religion, and Domination. A Weberian Perspective** [Racionalismo, Religião e Dominação: Uma Perspectiva Weberiana], Berkeley: University of California Press, 1989; **Paradoxes of Modernity. Culture and Conduct in the Theory of Max Weber** [Paradoxos da Modernidade. Cultura e Conduta na Teoria de Max Weber], Stanford: Stanford University Press, 1996; **Unversöhnte Moderne** [Modernidade irreconciliável.], Frankfurt: Suhr-

kamp, 1996; **Neubeginn durch Anpassung? Studien zum ostdeutschen Übergang**, [Novo começo através da adequação? Estudos sobre a transição leste alemã.] Frankfurt: Suhrkamp, 1996.

IHU On-Line – Max Weber ainda pode ser considerado um dos paradigmas da sociologia? Quais os conceitos formulados por ele que ainda mantêm o vigor teórico?

Wolfgang Schluchter – De fato, existe algo como um “paradigma weberiano”, que se encontra em concorrência com outros paradigmas da sociologia, como, por exemplo, com a teoria sistêmica, com a teoria da ação comunicativa, e também com a teoria da escolha racional (RC-Theorie) que utiliza e amplia, de forma específica, as possibilidades do enfoque econômico. Colaboradores meus publicaram, recentemente, um livro com este título: *O paradigma weberiano* (Das Weber-Paradigma, Tübingen: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 2003). Participaram dessa publicação, além dos organizadores, 17 cientistas de diferentes países e disciplinas. A estrutura do conteúdo do livro nos dá uma idéia da amplitude do método weberiano: I. O Paradigma Weberiano em Heidelberg; II. Teoria do Conhecimento científico e do Valor; III. Ação e Comportamento; IV. Cultura e Conduta de Vida; V. Instituições e Regimentos. Eu, no entanto, evito o conceito paradigma, porque este contém, desde os primeiros trabalhos de Thomas Kuhn, um significado não compatível com a situação de concorrência da teorização sociológica. Em vez disso, utilizo o conceito “programa de pesquisa”, cunhado por Imre Lakatos. O subtítulo do livro mencionado *Estudos para o desenvolvimento do programa de pesquisa de Max Weber* leva em conta o meu ponto de vista. Trata-se, no meu entender, de uma sociologia compreensiva que procura analisar, no contexto de um enfoque individualista-estruturalista, as relações entre ação, regimento e cultura, numa perspectiva de cotejo e de desenvolvimento histórico. É um programa de pesquisa com um núcleo duro kantiano (segundo Lakatos). Apresenta todo um acervo de conceitos com os quais podem ser analisados, no micro e no macro, estruturas e processos econômicos, jurídico-políticos, religiosos e so-

ciais, ao longo de seu desenvolvimento temporal. Deve-se ressaltar que a teoria de conceituação weberiana compromete o pesquisador a criar permanentemente novos conceitos compatíveis com os fenômenos pesquisados, pois para este tipo de sociologia compreensiva a formação de conceitos jamais poderá ser definitiva. Trata-se de uma sociologia que pretende compreender o significado da ação social e de suas coordenadas com base em seu processo e em seu efeito para, assim, possibilitar uma explicação causal. Isso significa: 1. Razões de sentido que motivam o agente, devem ser tratados como causas; 2. As condições e situações estruturantes da ação, que a possibilitam e lhe impõem limites, devem ser consideradas; 3. Os processos de transformação, que resultam de uma multiplicidade de entrelaçamentos com outras ações, devem ser analisados. Finalmente, esta relação macro-micro-macro precisa ser contemplada na perspectiva de um conceito de racionalidade pluridimensional, “restringida” por significados subjetivos (*bounded rationality*, segundo Herbert Simon). No entanto, não só os processos de racionalização em diversos níveis são objetos interessantes de pesquisa, como também o seu oposto.

IHU On-Line – Qual foi o significado de A ética protestante e o espírito do capitalismo para as ciências sociais?

Wolfgang Schluchter – “A ética protestante e o ‘espírito’ do capitalismo” foi publicada pela primeira vez em 1904/1905, na forma de uma série de artigos. Depois, em 1920, ela foi inserida no 1.º volume da *Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie* (Coleção de artigos sobre a sociologia da religião). A obra é, segundo um depoimento do próprio Weber, em primeiro lugar, uma análise histórica que reivindica ter apresentado uma atribuição causal válida à origem do novo espírito de ascese vocacional que começara a se impor no século XVII. Esta pretensão de Weber é até hoje controvertida de forma veemente. É por esta razão que muitos cientistas têm a tese weberiana por refutada. Eu, no entanto, não vejo que a importância dessa obra resultaria, em primeiro lugar na solução, bem ou mal sucedida, de uma questão de atribuição histórica. Pelo contrário, ela deve ser

vista como exemplo de metodologia de pesquisa de uma sociologia teórica e histórica, que se entende como ciência da cultura, para a análise do papel das idéias e dos ideais que dão significado à vida de seres humanos. O próprio Weber destacou, numa parte central de seu estudo, que ele pretendia esboçar este papel de forma diferente do costume de materialistas ingênuos mas, sobretudo, também de idealistas ingênuos. Pois para ele não existe a causalidade de idéias, no sentido de uma *downward causation*, tão característica do idealismo ingênuo. Max Weber concentra-se, antes de tudo, nos efeitos psicológico-pragmáticos das idéias e dos ideais. É verdade que estes efeitos são co-determinados por idéias e ideais, embora talvez possam encontrar-se dinamizados por interesses – no caso de seu estudo, por interesses salvíficos – e, assim, transformados em relação ao seu conteúdo que, comparado com o ponto de partida da idéia, possa resultar numa concatenação acional totalmente inesperada. Além disso, para poder perceber e compreender esse efeito, precisa-se de um determinado material de fonte. Deve ser um material que possa espelhar tanto as preocupações e necessidades das pessoas submetidas àquela visão de mundo quanto as soluções que elas encontraram para sua conduta de vida. Em se tratando do campo religioso, Max Weber remete acertadamente à literatura de responsos como sendo útil para esta finalidade. Essa reflexão sobre o papel histórico das idéias e dos ideais é, no meu ponto de vista, válida até hoje. Infelizmente são raros os estudos históricos que seguem este caminho.

IHU On-Line – A “sociologia compreensiva” de Weber é útil à compreensão da sociedade pós-industrial?

Wolfgang Schluchter – Todo programa de pesquisa sociológico, que merece este nome, é temporâneo, mas contém elementos que continuam válidos além de sua época. Isso vale naturalmente também para Max Weber. Ele escrevia numa época na qual lhe era possível ter apenas uma noção rudimentar ou totalmente nula dos fenômenos que hoje determinam nossa vida. Menciono, a título de exemplo, o crescente totalitarismo político,

a ameaça nuclear e ecológica da humanidade, a passagem do capitalismo empresarial ao capitalismo digital, o fundamentalismo vinculado ao terrorismo e, enfim, ainda à globalização econômica que parece ser seguida de uma globalização social e cultural. Weber, para permanecer fiel à sua metodologia, teria que dizer: Comparando com minha época, os grandes problemas culturais mudaram. Portanto, a sociologia deve mudar seu ângulo e seu aparelho conceitual. Mas – e este é o meu comentário complementar – para isso, ela deve estar embasada no “espírito” de um programa de pesquisa weberiano.

IHU On-Line – É possível identificar, na sociologia contemporânea, teóricos ou escolas que ampliaram e atualizaram a contribuição de Weber, sem descaracterizá-la?

Wolfgang Schluchter – O método de Weber teve muitos efeitos sobre outros teóricos que, frequentemente, o distorciam ou, então, se equivocavam profundamente no seu entendimento. Para se obter uma visão não apenas superficial, mas abrangente de sua obra, deve-se realizar um estudo que dure uma vida toda, o que, aliás, vale para as obras de todos os grandes pensadores. Justamente por isso, a apropriação e, sobretudo, a atualização e extensão de sua metodologia permanecem um desejo a ser realizado.

IHU On-Line – Qual é, na sua opinião, o significado da idéia de “desencantamento do mundo” presente na obra de Weber?

Wolfgang Schluchter – O conceito “desencantamento do mundo”, ou melhor, o conceito antônimo ao “encantamento do mundo”, tem dois significados distintos na obra de Weber. O primeiro é de natureza histórico-religiosa. Neste caso, desencantamento significa desfeitiço dos meios salvíficos. É nesse sentido que o conceito é utilizado na segunda edição dos estudos sobre a ética protestante. O segundo significado, entretanto, é de natureza histórico-científica e deve ser distinguido rigorosamente do primeiro. Aqui, desencantamento significa o processo pelo qual o mundo é transformado, por meio da ciência moderna, sobretudo, das modernas ciências exatas, em um meca-

nismo causal. Dessa forma, desencantamento é sinônimo de secularização, não se referindo mais a um processo intra-religioso, mas sim a um processo que se volta, em parte, também contra a religião. No entanto, nos dois casos o conceito permanece com aspectos de metáfora que remetem a processos mais complexos, ainda não “concebidos” e que teriam de ser melhor analisados.

IHU On-Line – Qual é o legado de Weber para a formação, consolidação e posterior reunificação da nação alemã?

Wolfgang Schluchter – Houve algumas tentativas de analisar o desenvolvimento da Alemanha no século XX – isto é, as duas guerras mundiais, o fracasso da República de Weimar, o regime nacional-socialista, a separação em dois países e a reunificação – considerando-se a perspectiva weberiana. Esses estudos concentraram-se na análise sociológica da cultura e das instituições. Procuravam detectar as forças que estruturaram as ações de constelações institucionais culturalmente condicionadas. Essa perspectiva tem laços estreitos

com a sociologia de Heidelberg, mas também teve suas irradiações na história social alemã.

IHU On-Line – Na sua opinião, as universidades alemãs destinam à obra de Weber a atenção que ela merece?

Wolfgang Schluchter – Não podemos afirmar que determinadas universidades tivessem se dedicado ao cultivo da obra de Max Weber. Quem fez isso foram, antes de tudo, estudiosos individuais espalhados por muitas universidades. Há universidades com uma posição especial no cultivo do patrimônio científico de Max Weber. São aquelas que disponibilizam cargos para a viabilização da edição completa das obras e cartas de Max Weber que, entretanto, já engloba 20 volumes. Nesse sentido, devem ser mencionadas principalmente as universidades de Heidelberg e Düsseldorf. Em Heidelberg, são realizadas, além disso, pesquisas sobre o paradigma weberiano, como já mencionamos acima. Recentemente, foi-me dada a possibilidade de fundar na Universidade de Erfurt o Weber-Kolleg para estudos sociológicos e culturais. Não se trata, no entanto, de uma instituição comprometida exclusivamente com a herança de Max Weber.